



UnB



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE MESTRADO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Ensino de Biologia

LINHA DE PESQUISA: Comunicação, Ensino e Aprendizagem em Biologia

TÍTULO: Puberdade e adolescência em alunos do Ensino Médio: reflexões com o uso de uma Sequência Didática Investigativa

Janaina Q. Bonfim
Mestranda

Fernanda Paulini
Orientadora

Brasília
2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO

TÍTULO: Puberdade e adolescência em alunos do Ensino Médio: reflexões com o uso de uma Sequência Didática Investigativa

JANAINA QUEIROZ BONFIM

Brasília

2024



Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B713p Queiroz Bonfim, Janaina
Puberdade e adolescência em alunos do Ensino Médio:
reflexões com o uso de uma Sequência Didática Investigativa
/ Janaina Queiroz Bonfim; orientador Fernanda Paulini. --
Brasília, 2024.
93 p.

Tese(Mestrado Profissional em Ensino de Biologia) --
Universidade de Brasília, 2024.

1. Adolescentes - Aspectos psicológicos. 2. Ensino médio.
3. Professores - Formação. 4. Puberdade. 5. Saúde mental -
Suicídio - Prevenção. I. Paulini, Fernanda, orient. II.
Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO PROFBIO ENSINO DE BIOLOGIA EM REDE NACIONAL (PROFISSIONAL)

Ata Nº: 032/2024

Aos vinte e oito dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e quatro, instalou-se a banca examinadora de Dissertação de Mestrado do(a) aluno(a) Janaina Queiroz Bonfim, matrícula 210039451. A banca examinadora foi composta pelos professores Dr(a). Alice Melo Ribeiro/Examinador(a) Interno(a)/UnB, Dr(a). Lays Cherobim Parolin/Examinador(a) Externo(a)/PUCPR, Dr(a). Silviene Fabiana de Oliveira/Suplente/UnB e Dr(a). Fernanda Paulini/UnB, orientador(a)/presidente. O(A) discente apresentou o trabalho intitulado "PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES COM O USO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA INVESTIGATIVA".

Concluída a exposição, procedeu-se a arguição do(a) candidato(a), e após as considerações dos examinadores o resultado da avaliação do trabalho foi:

() Pela aprovação do trabalho;

(X) Pela aprovação do trabalho, com revisão de forma, indicando o prazo de até 30 dias para apresentação definitiva do trabalho revisado;

() Pela reformulação do trabalho, indicando o prazo de **(Nº DE MESES)** para nova versão;

() Pela reprovação do trabalho, conforme as normas vigentes na Universidade de Brasília.

Conforme os Artigos 34, 39 e 40 da Resolução 0080/2021 - CEPE, o(a) candidato(a) não terá o título se não cumprir as exigências acima.

Dr.(a) Alice Melo Ribeiro, UnB
Examinador(a) Interno(a)

Dr.(a) Lays Cherobim Parolin, PUCPR
Examinador(a) Externo(a) à Instituição

Dr.(a) Silviene Fabiana de Oliveira, UnB
Suplente

Dr.(a) Fernanda Paulini, UnB
Presidente

Janaina Queiroz Bonfim
Mestrando



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Paulini, Professor(a) de Magistério Superior do Instituto de Ciências Biológicas**, em 28/03/2024, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Janaina Queiroz Bonfim, Usuário Externo**, em 03/04/2024, às 12:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Lays Cherobim Parolin, Usuário Externo**, em 03/04/2024, às 13:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Alice Melo Ribeiro, Professor(a) de Magistério Superior do Instituto de Ciências Biológicas**, em 03/04/2024, às 17:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Antonio dos Santos Silva Ferraz, Coordenador(a) de Curso de Pós-Graduação do Instituto de Ciências Biológicas**, em 10/04/2024, às 10:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **10999161** e o código CRC **B16A250E**.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Biologia - PROFBIO

TÍTULO: Puberdade e adolescência em alunos do Ensino Médio: reflexões com o uso de uma Sequência Didática Investigativa

Trabalho de Conclusão de Mestrado apresentado ao Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional-PROFBIO, do Instituto de Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de Biologia.

Área de concentração: Ensino de Biologia

Orientadora: FERNANDA PAULINI

Brasília

2024



DEDICATÓRIA

À Deus, à vida, à cada célula e mitocôndria do meu corpo, aos meus ancestrais, aos meus descendentes, aos meus amores e paixões, que me fazem querer viver cada vez mais e melhor.



AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço a minha orientadora, Fernanda Paulini, que é uma mulher incrível, competente, inteligente, linda, simpática, empática, generosa, equilibrada, sensata, formidável, que “segurou na minha mão” e me ajudou e orientou a continuar e finalizar de forma bem-sucedida este trabalho e este mestrado. (me emocionei aqui) Na verdade, ela me fez acreditar que eu era capaz, confiou em mim e me ajudou a confiar em mim mesma.

Agradeço a vida e a vontade de viver que existe em mim.

Agradeço à Deus, ao universo e à natureza, por toda força e energia vital, me renovando, revigorando, trazendo esperança, paz, amor, beleza, saúde e graça.

Agradeço à minha mãe e ao meu pai (in memoriam) por me amarem incondicionalmente e por me darem sempre o melhor.

Agradeço aos meus filhos, maravilhosos, amorosos, generosos, incríveis, que me enchem de orgulho, alegria, esperança, amor e vontade de ser e fazer.

Agradeço aos meus professores, de toda a vida, inclusive do PROFBIO-UNB, que tanto me ensinaram, instruíram, orientaram e estimaram.

Agradeço aos meus amigos tanto do mestrado quanto amigos fora dele, que me apoiaram, compreenderam, me ouviram, ajudaram e me amaram quando eu me senti tão pouco amada principalmente, durante minha separação e divórcio. Eles me tiraram “do fundo do poço” várias vezes.

Agradeço aos meus seguidores do Instagram (@janainaprofeduca_) que me incentivaram, apoiaram, interagiram, torceram, conversaram, vibraram e celebraram comigo em cada etapa concluída.

Agradeço aos diretores, coordenadores, professores, equipe do Colégio Estadual da Polícia Militar do Estado de Goiás Unidade Vasco dos Reis, que me beneficiaram a aplicar e desenvolver o meu projeto e especialmente aos meus alunos, adolescentes potentes, corajosos, animados, generosos, cheios de vida, de sonhos, que me permitem participar de um pedacinho de suas vidas de sucesso.



RESUMO

A violência autoprovocada na infância e na adolescência é algo que tem crescido no Brasil e no mundo e nos traz um alerta sobre a importância da saúde mental para todos nós e principalmente para eles. Comportamentos autolesivos, ideação suicida, crises de pânico, depressão e ansiedade estão cada vez mais presentes em suas vidas e mesmo sendo um problema social e multifatorial, é necessário que família, escola e sociedade se informem e se envolvam para promover a saúde mental deles. Este trabalho teve como objetivo geral utilizar uma sequência didática de abordagem investigativa com 90 estudantes do Ensino Médio, para tratar temas de Puberdade e Adolescência e sensibilizar os professores para um ensinar e um educar mais empático e acolhedor. A metodologia utilizada, consistiu em uma Sequência Didática Investigativa (Produto Educacional) dividida em 4 aulas de Biologia consecutivas com questões abertas e discursivas que levassem a reflexão dos adolescentes a respeito desse período de transformações, de maneira que eles compreendessem a importância da sua saúde emocional e mental e na prevenção ao suicídio. Além disso, foi apresentado aos alunos um questionário final avaliativo para analisar qual foi a percepção dos estudantes sobre a sequência didática aplicada e conseqüentemente uma percepção também para o professor sobre a saúde mental de seus alunos. De acordo com os resultados obtidos, pode-se observar que os estudantes apreciaram a sequência didática, e suas respostas demonstram a necessidade de enfatizar o diálogo dentro da família e no ambiente escolar sobre as principais questões que os adolescentes enfrentam nessa etapa tão única e desafiadora de suas vidas, de forma que os adultos possam apoiar e acolher esses jovens da melhor forma. Nesse contexto, conclui-se que a SDI é um produto educacional viável e aplicável dentro da escola, podendo contribuir para um melhor entendimento dos estudantes sobre a fase complexa da adolescência, bem como suas particularidades, a fim de proporcionar uma vida melhor para eles e reduzir danos emocionais na vida adulta.

Palavras-chave: Prevenção ao suicídio. Ensino com empatia. Ensino contextualizado. Ensino por Investigação. Saúde mental na adolescência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Geral.....	11
1.1.2 Específicos.....	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA.....	12
2.2 ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA A CRIAÇÃO DE UM AMBIENTE ESCOLAR ACOLHEDOR	18
3 METODOLOGIA.....	23
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO COLÉGIO E DO PÚBLICO.....	23
3.2 A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA INVESTIGATIVA (SDI)	23
3.3 AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES	28
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
5 CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A	63
APÊNDICE B.....	71
APÊNDICE C	76
APÊNDICÊ D.....	77



RELATO DO MESTRANDO

Em agosto de 1999, tomei posse do concurso da Secretaria de Educação do Estado de Goiás de 1998. Era recém-formada, tinha 22 anos e estava desempregada. No dia que fui chamada para assumir as aulas, chorei o dia todo não querendo ir. Nunca sonhei em ser professora. Na verdade, no último ano do curso de Ciências Biológicas, quando descobri que tinha que fazer estágio ministrando aulas, quase desisti do curso. Meu pai, muito sábio, respeitoso e amoroso, nas 2 vezes que quis desistir tanto do curso quanto de tomar posse, me tranquilizou dizendo que eu poderia experimentar e se eu não gostasse, que eu poderia desistir. Assim eu terminei o curso e depois tomei posse e logo de início me apaixonei pelo ato de ministrar aulas. Já são mais de 24 anos ministrando aulas de Biologia e eu continuo apaixonada, entusiasmada, animada, dedicada, pontual e sinto-me muito realizada profissionalmente.

Durante estes 24 anos muitas coisas aconteceram, entre elas, meu amado pai faleceu, eu me casei, tive 2 filhos, fiz alguns cursos de especialização, tentei alguns mestrados e finalmente fui aprovada no mestrado do PROFBIO. Durante o mestrado, tornei-me educadora parental e me divorciei. Estas 2 situações impactaram muito a minha vida. Agora mãe solo e com um novo olhar para a infância e adolescência, o mestrado tornou-se um desafio maior ainda. Desafio emocional, social e financeiro. Posso, de forma humilde e orgulhosa, dizer que não faltei nenhuma aula nestes 2 anos de curso, fui aprovada nas 3 provas de qualificação e na de língua inglesa, com notas medíocres, mas aprovada, me dediquei aos meus filhos, a mim, a meu trabalho e ao mestrado da melhor maneira que consegui.

Fiz grandes amigos durante o curso, aprendi muito com professores incríveis, viajei de Goiânia a Brasília todas as sextas-feiras por um ano e meio.

Infelizmente não pude tirar licença para aprimoramento porque o mestrado não permite e isso prejudicou a qualidade das minhas aulas, a minha saúde física e mental e a própria dedicação ao mestrado.

Posso dizer que “entre mortos e feridos, eu me salvei”. Os mortos seriam os colegas que desistiram do mestrado. Todos nos ferimos durante o curso; alguns não se



salvaram, foram reprovados; eu, mesmo ferida, me salvei e finalizei “com sucesso”, pois fui aprovada.

Eu, mulher, 47 anos, 2 filhos, divorciada e muito grata, faço parte de aproximadamente 0,8% da população brasileira que é mestre.



1 INTRODUÇÃO

O Documento Curricular para Goiás – Etapa Ensino Médio (DCGO-EM, 2021) baseado na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) propõe para a área de Ciências da Natureza e suas tecnologias, na Competência 2, a habilidade:

(EM13CNT207) Identificar, analisar e discutir vulnerabilidades vinculadas às vivências e aos desafios contemporâneos aos quais as juventudes estão expostas, considerando os aspectos físico, psicoemocional e social, a fim de desenvolver e divulgar ações de prevenção e de promoção da saúde e do bem-estar (Brasil, 2017, p. 543).

E dentre os objetivos de aprendizagem descritos no DCGO-EM estão:

(GO-EMCNT207C) Reconhecer mudanças físicas e psicológicas na adolescência, discutindo processo de amadurecimento biológico, psicológico, sexual e social para desenvolver pensamento crítico frente às vulnerabilidades desta fase ao associá-las a construção do seu Projeto de Vida e os Objetos de conhecimento: Adolescência e Puberdade. (Goiás, 2021, p. 432)

Assim, é possível observar que os fundamentos pedagógicos da BNCC indicam um compromisso com a educação integral, uma vez que a sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo nas questões centrais do processo educativo. Reconhece-se, assim, que a Educação Básica deve assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto, considerando-os como sujeitos de aprendizagem e promovendo uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. (Brasil, 2017, p. 14)

Ainda de acordo com a BNCC (Brasil, 2017, p.465):

a finalidade do Ensino Médio é o aprimoramento do educando como pessoa humana e a escola que acolhe as juventudes deveria ser um espaço que permite aos estudantes conhecer a si mesmo e lidar melhor com seu corpo, seus sentimentos, suas emoções e suas relações interpessoais, fazendo-se respeitar e respeitando os demais”.

Para reforçar tudo que a BNCC propõe, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019) disponibiliza em seu site um documento intitulado “O Desenvolvimento do



Adolescente” em que examina as grandes mudanças do desenvolvimento que ocorrem na adolescência nos aspectos físico (alterações hormonais e no desenvolvimento), cognitivo (alterações no modo de funcionamento do cérebro), emocional (como os adolescentes processam emoções e estresse), social (mudanças nos relacionamentos familiares, sociais e afetivos) e moral (como adolescentes avaliam seu lugar no mundo) e oferece sugestões de como os pais e cuidadores adultos podem auxiliar os jovens a vivenciar este período crítico.

Os professores são também cuidadores e, portanto, podem auxiliar os adolescentes no colégio. Os estudantes frequentarão a escola por muitos anos, por isso a escola precisa ser um lugar acolhedor, seguro, respeitoso e que promova uma relação de confiança entre o adolescente e os adultos que ali frequentam.

De acordo com um estudo com adolescentes de 16 e 17 anos, usuários de um Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij), o processo de adolecer é complexo e compreendido como um período vulnerável para o desenvolvimento de problemas relacionados à saúde mental (Rossi et al., 2019).

“Adolescentes não são simplesmente crianças velhas ou jovens adultos e os problemas de saúde física e emocional foram pouco compreendidos e até mesmo ignorados, durante anos” afirma a OMS no Guia de Orientação para a implementação da Ação Global Acelerada para a Saúde de Adolescentes pelos países (OMS, 2017, p. 6). “Existe uma percepção crescente de que adolescentes muitas vezes enfrentam riscos desproporcionais em contextos humanitários e frágeis – inclusive saúde física e mental precária, assédio, agressão e estupro”. (OMS, 2017, p. 6)

A puberdade e a adolescência estão entre as fases mais importantes e marcantes na vida de todas as pessoas. São momentos em que ocorrem muitas transformações no corpo e na mente, e que podem gerar muitas dúvidas, questionamentos, dores e vulnerabilidades.

Diante de tudo apresentado e de todos os desafios vivenciados pelos adolescentes foi elaborada uma sequência didática com abordagem investigativa, no ensino de Biologia, com o tema Puberdade e Adolescência. Esta sequência provém estratégias envolventes e contextualizadas que possam melhorar o processo de ensino-aprendizado dos estudantes, na intenção de fazer com que os adolescentes se sintam ouvidos, acolhidos



e pertencentes ao ambiente e à comunidade escolar e que entendam melhor o que acontece em seus corpos e em suas emoções. Além disso, será capaz de nos mostrar como é ser adolescente atualmente, pelo olhar e vivência do próprio adolescente.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Geral

Elaborar e aplicar uma sequência didática com temas de Puberdade e Adolescência para trazer reflexões a estudantes do Ensino Médio e que possa sensibilizar os professores para um ensinar e um educar mais empático e acolhedor.

1.1.2 Específicos

- Avaliar a percepção dos participantes sobre a Sequência Didática Investigativa aplicada (produto educacional) ;
- Causar uma reflexão em adolescentes do Ensino Médio, de forma que eles busquem ter boa saúde mental e emocional;
- Propor sugestões para o bem-estar do adolescente e avaliar o que pode ser feito para que o ambiente escolar seja um ambiente mais acolhedor, agradável, feliz e adequado para suas demandas.



2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 2003, p. 13) “considera-se criança, para os efeitos desta Lei (nº 8.069), a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoitos anos de idade”. Já de acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2022), a adolescência compreende o período de vida entre 10 e 20 anos incompletos, caracterizado por importantes transformações físicas e o crescimento como um todo. Nessa fase ocorre o surgimento da puberdade, evidenciada pelos caracteres sexuais secundários, como reorganização psíquica, peculiaridades afetivo-sexuais, comportamentais, socioculturais, espirituais, com busca de projetos de vida e percepção do mundo (SBP, 2019).

Herculano-Houzel (2005, p. 13) afirma que a adolescência tem ligação direta com o cérebro e não com os hormônios. Até recentemente, a neurociência acreditava que grandes mudanças no cérebro humano ocorriam no final da infância, por volta dos dez anos de idade, sendo os primeiros três anos de vida decisivos, pois a influência dos pais, da escola e da sociedade em geral afetava o desenvolvimento do cérebro, promovendo as maiores mudanças no cérebro da criança. Este posicionamento reforçou a ideia de que durante a adolescência o cérebro já estaria preparado e o comportamento, muitas vezes problemático, se devia aos hormônios estarem “à flor da pele”. No entanto, à luz de novas pesquisas sobre o cérebro dos adolescentes, isso não é mais considerado verdade (Herculano-Houzel, 2005; Choudhury; Charman; Blakemore, 2008; Blakemore, 2010; Jensen; Nutt, 2015). Segundo Blakemore (2010), a descoberta de que as mudanças na estrutura cerebral persistem na adolescência e depois dela, desafia as opiniões aceitas e desencadeou uma recente onda de investigação sobre como a cognição, incluindo a cognição social, pode mudar. A pesquisa mostrou que a adolescência é um momento crítico para o desenvolvimento de áreas cerebrais envolvidas na cognição social e na autoconsciência. Isto pode ser devido à interação entre muitos fatores, incluindo



mudanças no ambiente social e nos hormônios durante a puberdade, bem como o desenvolvimento da estrutura e função cerebral e melhorias na cognição social.

Blakemore (2010) ainda complementa que, tendo em vista que o cérebro durante a adolescência ainda está em desenvolvimento, tendo capacidade de adaptação, talvez os objetivos da educação dos adolescentes possam mudar para incluir competências controladas pelas partes do cérebro que mais mudam durante esse período. Essas habilidades incluem controle interno, multitarefa e planejamento, mas também envolvem autoconsciência e habilidades cognitivas sociais, como tomada de perspectiva e compreensão de emoções sociais. O autor conclui afirmando que pode ser útil incluir no currículo escolar alguns ensinamentos sobre as mudanças que ocorrem no cérebro durante a adolescência, pois os adolescentes podem se beneficiar da compreensão das mudanças que ocorrem nos seus próprios cérebros.

Usando imagens de ressonância magnética, pesquisas mostram que o desenvolvimento do cérebro dos adolescentes passa por mudanças significativas (Anjos, 2017). O volume de substância cinzenta, onde estão localizados os corpos celulares neuronais, aumenta durante a infância e atinge o pico no início da adolescência, atingindo o número máximo de sinapses no córtex cerebral. Nessa fase, ocorre o fortalecimento das sinapses mais utilizadas, devido à aprendizagem (Anjos, 2017).

Nesse contexto, precisamos também levar em conta o desenvolvimento do cérebro, já que é ele quem determina quem somos e o que fazemos. O cérebro humano é dividido em dois hemisférios, um direito e outro esquerdo, sendo que cada hemisfério é responsável por habilidades diferentes, considerando sua maior ativação do hemisfério esquerdo ou direito. Entretanto, para realizar uma tarefa, o cérebro usa os lados esquerdo e direito, mas o faz ativando áreas específicas em ambos os lados do cérebro (Jesus, 2022).

Considerando-se que, hoje em dia, se sabe que o cérebro é “plástico”, e que são as experiências boas e ruins que têm a capacidade de moldá-lo, o que permite que ocorra constantemente uma “reprogramação” cerebral (Siegel, 2011) percebe-se que, mesmo a adolescência sendo uma etapa da vida cheia de variáveis e desafios, tanto para aqueles que estão vivenciando esse momento, quanto para aqueles que convivem com os adolescentes, é possível resgatar o que foi perdido na infância e com novas, boas e



agradáveis experiências, pode-se colaborar com a formação de um adulto pleno, saudável e feliz.

De acordo com Salles:

A criança e o adolescente, com seus modos específicos de se comportar, agir e sentir, só podem ser compreendidos a partir da relação que se estabelece entre eles e os adultos. Essa interação se institui de acordo com as condições objetivas da cultura na qual se inserem. Condições históricas, políticas e culturais diferentes produzem transformações não só na representação social da criança e do adolescente, mas também na sua interioridade. Há uma correspondência entre a concepção de infância presente em uma sociedade, as trajetórias de desenvolvimento infantil, as estratégias dos pais para cuidar de seus filhos e a organização do ambiente familiar e escolar (SALLES, 2005, p.1).

Sendo assim, percebe-se que a família e a escola funcionam como duas instituições fundamentais que desencadeiam o processo evolutivo das pessoas, agindo como impulsionadores ou inibidores do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Nas escolas, os conteúdos curriculares garantem o ensino e a aquisição de conhecimentos, com foco no processo de ensino e aprendizagem. Enquanto isso, a família, com os seus diversos objetivos, conteúdos e métodos, promove a socialização, a proteção, as condições básicas de vida e o desenvolvimento dos seus membros a nível social, cognitivo e emocional (Dessen; Polonia, 2007).

Sabe-se que as crianças e adolescentes eram tratados, na maioria das vezes, como seres sem relevância entre os séculos XVI ao século XIX. Conforme Ariès (1986) a velha sociedade tradicional, correspondente ao Antigo Regime, na França, particularmente nos séculos XVI, XVII e em pelo menos parte do XVIII, dava pouca atenção à criança, bem como ao adolescente. A infância era reduzida apenas ao seu período frágil, enquanto ainda não conseguia cuidar-se, mas assim que adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. Até o século XVII, a família não tinha função afetiva e o sentimento entre cônjuges, e entre pais e filhos não era necessário, a família antiga tinha a missão de conservar bens, a praticar um ofício, a proteger a honra e a própria vida (Ariès, 1986).

Em estudo específico sobre trabalho infantil, Teixeira (2007) relata que naquela época as crianças realizavam trabalhos manuais e seus serviços variavam de acordo com



suas capacidades físicas. Assim, para as famílias menos abastadas, quanto maior o número de filhos, maior o número de trabalhadores manuais e, portanto, maior a probabilidade de sobrevivência.

Além disso, os adultos encaravam algumas tarefas realizadas pelas crianças como parte de sua formação educacional, sendo desenvolvidas de acordo com os padrões de sua idade, imitando e observando os adultos. Em geral, as crianças se diferenciavam dos adultos apenas no tamanho e na intensidade do trabalho, visto que assim que ela alcançava a independência mínima, como comer, ir ao banheiro e vestir-se sozinha, ela automaticamente era misturada a eles. Sendo assim, não se seguiam critérios quanto a desenvolvimento biológico, idade cronológica, nem critérios psicológicos para determinar o início e o fim das fases da vida (Lima; Poli; São José, 2017).

No entanto, ao contrário do que se acreditava nos séculos passados, Agüena (2010) destaca várias pesquisas que enfatizam cada vez mais a importância do envolvimento da família no processo de aprendizagem escolar e mostra como diferentes aspectos e condições presentes no ambiente doméstico estão relacionados ao desenvolvimento e ao desempenho dos alunos. Entre algumas dessas pesquisas, pode-se destacar Ferhman (1987), o qual ressalta que o envolvimento dos pais na vida acadêmica dos filhos promove interação, incentivo verbal e reforço à medida que eles concluem os estudos, além de comportamentos que melhoram o desempenho acadêmico, incluindo apoio e monitoramento das atividades diárias e do progresso escolar. Além disso, Fonseca (2000) sugere que o progresso escolar está relacionado com duas características consideradas importantes nas práticas educativas e na disciplina, que são o suporte à autonomia e a estruturação de regras e rotinas. Para a autora, os pais devem incentivar a independência e autonomia dos filhos, permitindo que eles resolvam os problemas por conta própria, dando todo o apoio e ajuda de que necessitam e, quanto à estruturação, os pais devem desenvolver horários, rotinas na vida dos filhos.

Corroborando com a ideia de que o relacionamento afetivo da família com a criança influencia no seu rendimento escolar, Oliveira et al. (2002) enfatizam que o distanciamento entre pais e filhos é um fator-chave nas dificuldades acadêmicas. O estudo



de Bong (2008) mostra o quanto isso é real, pois ao analisar como a interação entre pais e filhos se relaciona com o desempenho escolar de estudantes, o autor constatou que o tipo do suporte parental e os conflitos familiares são fatores encontrados no ambiente familiar que se relacionam com o rendimento acadêmico. Em uma pesquisa com 753 estudantes provenientes de escolas sul coreanas, a interação entre os pais e seus filhos, bem como o relacionamento entre eles, está relacionado à motivação e desempenho acadêmico dos estudantes, sendo que, o senso de obrigação e o conflito familiar são emoções e atitudes que tendem a impactar negativamente no aprendizado acadêmico deles.

Percebe-se que além de desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento acadêmico de crianças e adolescentes, a família também desempenha um importante papel social por ser uma instituição formadora da identidade do indivíduo, afetando diretamente o processo de aprendizagem e o comportamento do aluno (Barros; Rocha, 2021).

Silva (2019) em seu trabalho sobre violências invisibilizadas, apresenta a criança e o adolescente como um corpo em desenvolvimento com identidades sociais em formação e que é o segmento mais oprimido enquanto sujeitos de direitos, por ter sua voz descartada, como incapazes de participar ativamente da construção de suas vidas e das políticas públicas que os atendem. No Brasil, apenas a partir de 1989, com o fim da ditadura civil-militar e com a redemocratização, o país criou uma legislação construída com base nas diretrizes da Convenção dos Direitos da Criança, que declara as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos. Na Constituição Federal de 1988, criaram-se os artigos 227 e 228 com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei 8.069/90), de julho de 1990, e revogando-se o Código de Menores de 1979. (Silva, 2019).

Segundo Mário Volpi, coordenador do programa Promoção de Políticas de Qualidade para a Infância do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) do Brasil, ligado à Organização das Nações Unidas (ONU) (Fariello, 2018), o estatuto unifica o conceito de infância e acaba com a separação existente no antigo código entre “menores” e outras crianças e adolescentes, ou seja, aqueles em situação irregular. O Estatuto define crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, reconhece sua especial



situação de desenvolvimento e reafirma a prioridade absoluta de suas necessidades (Fariello, 2018).

Assim, o Estatuto da Criança e do Adolescente propõe a discussão e revisão das ações da política pedagógica para a formação de alunos e educadores, refletindo compromissos éticos, políticos e profissionais e garantindo que os alunos e suas famílias sejam envolvidos na definição de novas estratégias a serem implementadas nas escolas. A integração entre o ECA e a Educação é essencial para a prevenção, identificação e intervenção prática de situações de violação de direitos que interferem no desenvolvimento integral de crianças e adolescentes (Oliveira, 2009).

Diante desse contexto, Silva (2014) apresenta a escola como uma instituição social de extrema relevância na sociedade, pois para ele, além da escola possuir o papel de fornecer preparo intelectual e moral aos alunos, é nela onde ocorre a primeira inserção social depois do âmbito familiar. Para Tosta (2013), o ambiente familiar é o primeiro socializador de todo indivíduo. É o espaço onde o indivíduo passa a exercer papel fundamental no decorrer de sua trajetória, pois são as experiências vividas no contexto familiar quando criança, que irão contribuir para a formação enquanto adulto. Canivez mostra que a escola passa a ser o espaço social, depois da família:

A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra. (Canivez, 1991, p.33).

Entende-se, portanto, que a escola é um espaço onde os indivíduos começam a ter as relações para além da família, ou seja, passam a conviver com pessoas de diferentes raças, cor, etnia, religião, cultura (Silva, 2014). Diante disso, as escolas não devem medir esforços para acolher o adolescente com todos os seus desafios, atenuar o estresse criado por todas as mudanças que ele tem vivenciado e facilitar seu desenvolvimento de forma respeitosa, empática e agradável para que ele se torne um adulto seguro, confiante, responsável, respeitoso, sábio e do bem, tanto para si quanto para os outros.



2.2 ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA A CRIAÇÃO DE UM AMBIENTE ESCOLAR ACOLHEDOR

Durante pelo menos um período do seu dia, as crianças a partir dos 5 anos de idade e os adolescentes devem estar na escola. Ela vai afetá-los de forma positiva ou negativa. Para Mills (1999), a educação é o principal agente de transformação de qualquer sociedade. Para Freire (2005, p. 58) “o ideal é que na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos ‘convivam’ de tal maneira com saberes que eles vão virando sabedoria”.

Segundo Rego (2003), a escola é um lugar onde os adolescentes formam grupos, fazem amizades e são moldados pelo ambiente, atualizando assim sua aparência, modos de vestir e ideias sobre carreiras e outros interesses, além disso, por passar muitos anos na escola, o adolescente é impulsionado e promovido em seu potencial dentro dela.

No entanto, para garantir o desenvolvimento pleno dos alunos, é necessário criar um ambiente de aprendizagem que seja positivo e eficaz. Esse ambiente se estende além da sala de aula para incluir todos os elementos e interações na jornada educacional, fornecendo recursos adequados, métodos de ensino eficazes e apoio contínuo para permitir que os alunos alcancem seu potencial mais elevado. Num contexto educacional, um ambiente de aprendizagem positivo refere-se a um espaço físico, emocional e social que promove o bem-estar, a motivação e o envolvimento dos alunos. Este é um ambiente onde eles se sentem seguros para expressar suas ideias, correr riscos e aprender com seus erros, estimulando a autonomia, a reflexão crítica e a capacidade de resolver problemas. Além disso, é um ambiente que valoriza a diversidade, a inclusão e o respeito mútuo entre todos. (Costa Júnior *et al.*, 2023).

Um ambiente seguro é aquele em que os alunos se sentem protegidos física e emocionalmente, livre de ameaças, bullying e discriminação. A segurança física e emocional permite que os alunos se concentrem na aprendizagem, se expressem livremente e desenvolvam relacionamentos saudáveis (Costa Júnior *et al.*, 2023, p. 335).

Um ambiente de aprendizagem positivo é caracterizado por um clima emocional acolhedor onde os alunos se sentem seguros, respeitados e valorizados. O clima



emocional é essencial para promover o bem-estar dos alunos e estimular a sua participação ativa no processo de aprendizagem. (Costa Júnior *et al.*, 2023).

Nesse contexto, é preciso ter em mente a necessidade de relacionamentos interpessoais positivos entre alunos e professores. Segundo Pianta e Hamre (2009), essas relações são baseadas na empatia, no respeito mútuo e na construção de vínculos emocionais, que ajudam a promover o envolvimento dos alunos e o desenvolvimento socioemocional.

Igualmente relevante é incentivar a autonomia e a responsabilidade. De acordo com Reeve (2013), permitir que os alunos tenham uma palavra a dizer nas decisões relacionadas com o processo de aprendizagem e proporcionar-lhes oportunidades de assumir responsabilidades pode aumentar o seu sentido de competência e motivação intrínseca.

Contribuindo para fazer da escola um ambiente acolhedor, onde se desenvolve uma aprendizagem eficaz, estão as metodologias de ensino diversificadas que têm a função de atender às diferentes necessidades e estilos de aprendizagem dos alunos. De acordo com Tomlinson e McTighe (2006), a adaptação de estratégias de ensino, materiais didáticos e avaliações colabora para o engajamento e a compreensão dos alunos, considerando suas habilidades, interesses e estilos de aprendizagem. Black e Wiliam (2009) também destacam a importância de um feedback contínuo, o que inclui orientações claras sobre o progresso e os pontos de melhoria de cada aluno.

Além disso, um ambiente de aprendizagem positivo e eficaz também afeta a autoestima dos alunos. Quando sentem que seus esforços e progresso são respeitados e reconhecidos, eles fortalecem a confiança em suas habilidades, o que contribui para o desenvolvimento de indivíduos confiantes, criativos e colaborativos (Costa Júnior *et al.*, 2023).

Sendo assim, percebe-se a necessidade de os educadores criarem um ambiente que vá além da disseminação de conhecimento, mas que valorize as competências socioemocionais, estimule o pensamento crítico, promova a criatividade e desenvolva a autonomia dos alunos, o que irá contribuir, não apenas com o sucesso na vida acadêmica, mas também com o bem-estar emocional deles. (Costa Júnior *et al.*, 2023).

Entende-se que é fundamental, para se obter uma boa condição de saúde, ter



acesso à educação e a condições favoráveis para que essa educação se realize de forma plena, cooperando, para tal, práticas cuidadoras e promotoras da saúde. Um indivíduo com bom desenvolvimento cognitivo, respeitado e valorizado como ser humano, com ambiente saudável e condições de saúde adequadas, deverá ter condições favoráveis para desenvolver o seu potencial, melhorando a assimilação e a capacidade de tomada de decisão, amenizando assim as vulnerabilidades, para isso, no entanto, mostra-se necessário o elo entre saúde e educação (Gomes; Horta, 2010).

No entanto, pesquisas mostram que a proporção de problemas psicológicos no ambiente escolar é alarmante, com adolescentes e adultos jovens, tanto do sexo masculino quanto do feminino, acometidos por transtornos mentais e apresentando com maior frequência baixo desempenho acadêmico (Souza; Fernandes; Martins, 2013).

A transição da infância para a adolescência pode desencadear fatores de estresse. De acordo com Ores *et al.* (2012), a transição da adolescência para a idade adulta traz consigo comportamentos de risco como a participação em atividades que prejudicam a saúde física e mental. Além disso, existem as consequências de influências advindas do contexto social e familiar que eles vivenciam (Gomes; Horta, 2010).

Pode-se constatar, por exemplo, que o acesso ao lazer é um direito absolutamente prioritário que deve ser assegurado pela família e pela sociedade no âmbito da Lei da Criança e do Jovem (ECA). Contudo, estas possibilidades e oportunidades muitas vezes não fazem parte do cotidiano dos adolescentes. A falta até mesmo de necessidades básicas de sobrevivência, como alimentação, é demonstrada nos espaços escolares. Esses aspectos interferem no ambiente escolar e criam condições desfavoráveis ao desenvolvimento do processo educativo (Souza; Fernandes; Martins, 2013).

Com as mudanças na sociedade moderna e na estrutura familiar, os ajustes escolares são essenciais. E, muitas vezes, requer reinventar o seu papel e procurar parcerias.

Mesmo tendo em seu olhar, como revelado acima, a interpretação de saúde com o foco no cuidado imediato ao aluno doente, a escola, muitas vezes sem perceber, se envolve na promoção da saúde dos jovens, ofertando ações além das aulas curriculares, capazes de disparar reflexões sobre o cuidado com a



saúde dos jovens. E revela-se, aí, um vasto campo de possibilidades. (Gomes; Horta, 2010, p. 491).

Tavares e Rocha (2006) destacam a necessidade de estabelecer nas escolas um espaço onde o debate possa ocorrer para melhor compreender a relação entre a saúde e os seus determinantes mais gerais, proporcionando assim um processo de aprendizagem contínuo aos participantes. As autoras defendem que as relações espaciais com outros ambientes, como família, comunidades e serviços de saúde, devem ser consistentes com as condições sociais e os diferentes estilos de vida através de ações simples e da participação de todos.

Além disso, as atividades culturais e de lazer, realizadas nas escolas e vinculadas à socialização, ajudam a promover a saúde, pois a interação com a própria comunidade, por diferentes programas como shows, exposições e outros projetos, repercute de maneira positiva na qualidade de vida desses jovens (Gomes; Horta, 2010).

Ademais, conhecimentos selecionados em saúde, baseados principalmente em aspectos de promoção e prevenção, podem desempenhar um grande papel na prática educativa, visto que os professores já atuam levando em consideração os aspectos afetivos, cognitivos e comportamentais dos seus alunos (Estanislau; Bressan, 2014).

Pode-se considerar que os professores já atuam no processo saúde-doença de seus alunos de diversas maneiras, como, por exemplo, ao desenvolverem vínculos baseados na afetividade, na empatia, na escuta reflexiva e respeitosa, na consideração pelas qualidades do aluno visando ao fortalecimento de sua autoestima etc. Os professores influenciam positivamente quando interagem de forma motivadora e criativa, informando e encorajando nas tomadas de decisões, fomentando a autonomia... (Estanislau; Bressan, 2014, p. 20).

Dentro da escola, um ambiente de apoio e acolhimento cria a expectativa de que o trabalho árduo será recompensado. Portanto, a conexão com o educador, a utilização de métodos de ensino envolventes, o estabelecimento de altas expectativas consistentes com a capacidade de desempenho dos alunos, o cumprimento das regras e rotinas na sala de aula e o clima de ordem na escola são responsáveis por boa parte do sucesso de abordagens de uma aprendizagem socioemocional. Além disso, o educador pode utilizar, como estímulo para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, atividades



integradas ao currículo ou à parte dele, como redações, livros, filmes ou experiências cotidianas (Estanislau; Bressan, 2014).

Dessa forma, professores experientes e atenciosos podem auxiliar na promoção da saúde e na prevenção de problemas, contribuindo, sempre que apropriado, para uma intervenção precoce que tenha resultados positivos e satisfatórios para o desenvolvimento dos jovens.



3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO COLÉGIO E DO PÚBLICO

O trabalho foi aplicado com 90 adolescentes de 9 turmas de 2ª série do Ensino Médio, de ambos os sexos biológicos, entre 15 e 17 anos de idade, no Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás unidade Vasco dos Reis, da cidade de Goiânia. O projeto foi aprovado pelo CEP sob número CAAE: 63615622.8.0000.0030, com o número do parecer 5.843.612. O projeto também foi apresentado e aprovado pela direção e coordenação da instituição de ensino.

Após a aprovação, o projeto foi apresentado para os 351 estudantes das 9 turmas de 2ª série existentes no colégio, das quais sou professora titular e efetiva, e estes foram convidados a participar. Depois de compreenderem do que se tratava a proposta, os estudantes receberam os termos de assentimento (TALE) e consentimento (TCLE) para serem assinados por eles e pelos seus responsáveis legais. Dessa maneira, foi concedida uma semana para a entrega dos termos devidamente assinados. Durante esse período, a pesquisadora responsável esteve disponível para tirar dúvidas e fazer quaisquer esclarecimentos a respeito da pesquisa tanto para os alunos quanto para os responsáveis. Também foi esclarecido que a participação seria voluntária e em qualquer momento o aluno poderia se negar a participar de qualquer etapa, por se sentir desconfortável ou por qualquer outro motivo.

3.2 A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA INVESTIGATIVA (SDI)

A SDI está apresentada e detalhada no APÊNDICE I, organizada em quatro aulas consecutivas de Biologia de 45 minutos cada, em dias separados, que aconteceram duas vezes por semana. O Quadro 1 evidencia e resume as atividades desenvolvidas, os objetivos, a metodologia e as ferramentas empregadas em cada aula.

Quadro 1 – Descrição das aulas da Sequência Didática, os objetivos, as atividades, as metodologias e as ferramentas.

Aula	Objetivos	Atividades	Metodologias e Ferramentas
N. 1	Investigar os conhecimentos prévios dos estudantes; Introduzir o assunto: Puberdade e Adolescência;	Apresentado o tema: Puberdade e Adolescência; Exposição de questão investigativa; Promoção da comunicação e discussão entre os alunos.	Aula dialogada, expositiva e investigativa; Utilização de quadro branco e canetão.
N. 2	Estimular a busca do conhecimento; Compreender as mudanças físicas, emocionais e sociais que ocorrem na puberdade e na adolescência; Refletir sobre as emoções e desafios que surgem nesta fase da vida.	Conteúdo trabalhado de maneira dinâmica e reflexiva; Apresentação da música: <i>Eu não vou me adaptar</i> , do Titãs Promoção da comunicação e discussão entre os alunos.	Aula dialogada e investigativa; Utilização de quadro branco e canetão; Música e caixa de som.
N. 3	Enriquecer e consolidar os conhecimentos sobre adolescência; Contextualizar o tema; Desenvolver habilidades de pesquisa, análise e comunicação; Permitir a expressão, o compartilhamento e a troca ideias entre os alunos e a professora; Identificar formas de respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro.	Conteúdo abordado de forma dinâmica e participativa; Reflexão e anotações sobre as questões investigativas apresentadas; Promoção da comunicação e a discussão entre os alunos.	Aula dialogada e investigativa; Discussão sobre o tema e compartilhamento de suas respostas.
N. 4	Questionário final sobre a sequência didática e o recado para os adultos.	Reflexão e registros sobre a Sequência didática e questionário. Alunos deixaram um recado para os adultos com os quais convivem.	Aula dialogada; Utilização de quadro branco e canetão.

Fonte: Elaboração própria.



A SDI foi organizada em 11 momentos, durante as quatro aulas, que foram trabalhados durante o mês de maio de 2023.

Os tópicos abordados dentro das aulas de Biologia, nesta sequência didática com abordagem investigativa, foram:

- Aula 1: Puberdade: mudanças hormonais, físicas e emocionais
- Aula 2: Gravidez na adolescência, riscos, vícios, ansiedade, depressão, angústias, sexualidade e genitalidade
- Aula 3 e 4: Vida e perspectivas

A cronologia da aplicação se deu da seguinte maneira:

- **Atividade pré-aula:** Foi solicitado que os estudantes trouxessem para a próxima aula uma foto sua do período em que eram bebês (0 a 3 anos aproximadamente) e outra foto de quando eram crianças (4 a 11 anos aproximadamente).

- **1º Momento** (Aula 1 / 15 minutos): Após explicar para a turma quais seriam as etapas da SDI, os alunos foram divididos em grupos por afinidade, com até 5 estudantes por grupo e foram orientados a colocar o cabeçalho completo em uma folha por grupo (Nome do colégio, data, nome da disciplina, série/turma, nome do professor, nome dos integrantes com número). Esta mesma folha foi acrescida de outras folhas ao longo da sequência didática. Foi escrita no quadro a seguinte questão investigativa:

1. O que acontece com o nosso corpo, com a nossa mente, com a nossa vida, quando nos tornamos adolescentes?

- **2º Momento** (Aula 1 / 20 minutos): Os alunos foram orientados a comparar as fotos uns dos outros, que trouxeram no celular ou físicas, conversarem entre si e registrarem o maior número possível de diferenças identificadas entre o antes e o agora (altura, cabelos, mãos, pés, voz, comportamento, relação com os pais, sono, alimentação, sonhos, gostos etc.). Fizeram anotações na folha, previamente preenchida com os dados, baseadas apenas nas fotos e em suas próprias vivências.



- **3º Momento** (Aula 1 / 10 minutos): Foi solicitado pelo professor que um aluno de cada grupo, de maneira voluntária e espontânea, lesse as respostas do grupo registradas na folha, depois que entregasse a folha para o professor após a leitura e que em casa eles pesquisassem, podendo utilizar quaisquer meios para buscar novas informações, como materiais didáticos, meios eletrônicos, diálogo com a família, profissionais de saúde, entre outros, sobre as mudanças que acontecessem no corpo, na mente e na vida dos humanos quando se tornam adolescentes, trazendo a pesquisa anotada no caderno. Durante a aula teríamos as percepções espontâneas e em casa a pesquisa complementar, acrescentaria e informaria sobre as diversas mudanças vivenciadas durante o nosso desenvolvimento.

- **4º momento** (Aula 2 / 10 minutos): Os mesmos grupos da aula anterior foram formados, as folhas que ficaram com o professor foram devolvidas para os grupos, foi solicitado que eles anotassem a data e o nome dos alunos presentes, que comparassem as respostas feitas na aula anterior com as pesquisas feitas e verificassem se havia divergências nas respostas. O que fosse novidade encontrada nas pesquisas, poderia ser acrescentada na folha que eles tinham feito as anotações na aula anterior e os grupos tiveram a liberdade de compartilhar com a turma o que encontraram de divergência.

- **5º Momento** (Aula 2 / 25 minutos): A seguinte situação-problema foi lida por mim para a turma participante do estudo:

Várias crianças cresceram juntas na mesma rua em que moravam. Seus pais eram amigos e eles se reuniam frequentemente. Eram de classes sociais parecidas. Quando entraram na adolescência, alguns deles se envolveram em pequenos furtos, algumas meninas engravidaram, outros começaram a beber bebida alcoólica frequentemente, outros se tornaram obesos, outros eram felizes e dedicados à escola, enquanto que outros pararam de estudar, alguns desenvolveram crises de ansiedade e depressão, uns viviam em paz em seus lares com suas famílias, enquanto que outros saíram de casa o quanto antes, alguns se sentiam transgêneros, outros cisgêneros, alguns se declaravam homossexuais, outros heterossexuais, outros bissexuais, assexuais e pansexuais. Alguns começaram a trabalhar, outros se isolaram em seus quartos.



Depois de ouvir a situação-problema os estudantes registraram as hipóteses para as seguintes questões investigativas que foram escritas no quadro:

2. Como a família, a escola e a sociedade contribuem com a felicidade dos adolescentes?
3. Como a família, a escola e a sociedade contribuem com os comportamentos arriscados e perigosos dos adolescentes?
4. Como os professores contribuem com o bem-estar dos estudantes?
5. Como os professores contribuem com o mal-estar dos estudantes?

- **6º Momento** (Aula 2 / 10 minutos): Alguns grupos voluntária e espontaneamente, ao final da aula, leram suas respostas. Devolveram as folhas para o professor e foram orientados a pesquisar em casa, anotando no caderno sobre como a família, a escola, a sociedade e os professores podem contribuir com a saúde mental e o bem-estar dos adolescentes.

- **7º Momento** (Aula 3 / 5 minutos): Os grupos da aula anterior foram formados novamente, as folhas que ficaram com o professor foram devolvidas aos grupos, foi solicitado que eles notassem a data e o nome dos alunos presentes, que comparassem as respostas feitas na aula anterior com as pesquisas feitas e verificassem se havia divergências nas respostas. As novidades encontradas nas pesquisas poderiam ser acrescentadas na folha de anotações e os grupos tiveram a liberdade de compartilhar com a turma o que encontraram de divergência.

- **8º Momento** (Aula 3 / 25 minutos): As seguintes questões investigativas foram escritas no quadro para os grupos responderem:

6. Como seria o mundo ideal para os adolescentes?
7. Como seria a família ideal para os adolescentes?
8. Como seria a escola ideal para os adolescentes?
9. Como seria o corpo ideal para os adolescentes?

- **9º Momento** (Aula 3 / 10 minutos): Alguns grupos ao final da aula, espontânea e voluntariamente leram suas respostas para a turma.



- **10º Momento** (Aula 3 / 5 minutos): Finalização da SDI com o recolhimento das folhas com todas as respostas registradas. Foi colocada a música do Titãs “Eu não vou me adaptar” para os alunos ouvirem.

(Letra de Nando Reis e Música de Arnaldo Antunes)

Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia
 Eu não encho mais a casa de alegria
 Os anos se passaram enquanto eu dormia
 E quem eu queria bem me esquecia
 Será que eu falei o que ninguém ouvia?
 Será que eu escutei o que ninguém dizia?
 Eu não vou me adaptar, me adaptar (3x)
 Eu não tenho mais a cara que eu tinha
 No espelho essa cara já não é minha
 É que quando eu me toquei achei tão estranho
 A minha barba estava deste tamanho
 Será que eu falei o que ninguém ouvia?
 Será que eu escutei o que ninguém dizia?
 Eu não vou me adaptar, me adaptar
 Não vou me adaptar! Me adaptar!

- **11º Momento** (Aula 4): Foi entregue aos alunos o questionário final para analisar qual foi a percepção dos estudantes sobre a sequência didática aplicada (APÊNDICE II).

3.3 AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES

A coleta de dados ocorreu por meio de observação, participação, problematização, questões investigativas, levantamento de hipóteses, discussão, registro e questionário final, segundo o método de Carvalho (2013). Ao final da aplicação da SDI, foi feita a interpretação dos dados coletados por meio de questionário direcionado, de maneira objetiva e subjetiva (Moraes, 1999), observando a informação contida em cada resposta e buscando captar informações implícitas de acordo com as respostas e os relatos.



Além disso, a avaliação foi formativa. Os princípios norteadores da avaliação formativa segundo Hoffman (1996) são: criar momentos para os discentes expressarem suas ideias, possibilitar discussão entre discentes sobre situações problemas, usar a linguagem informativa ao invés de certo e errado e pontuação tradicional, transformar os registros avaliativos em anotações de acompanhamento do processo de construção de conhecimentos.

De acordo com Bardin (2010, p. 41), a fase de tratamento e interpretação dos resultados é a “operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceitas como verdadeiras.” Sendo assim, os resultados obtidos foram primeiramente organizados em categorias de acordo com as respostas mencionadas, após isso, foram interpretados e analisados, sendo estabelecida uma ligação com achados na literatura de maneira a responder os objetivos propostos, contribuindo com um maior entendimento do assunto, bem como demonstrar a importância prática desses resultados encontrados para essa área de conhecimento.



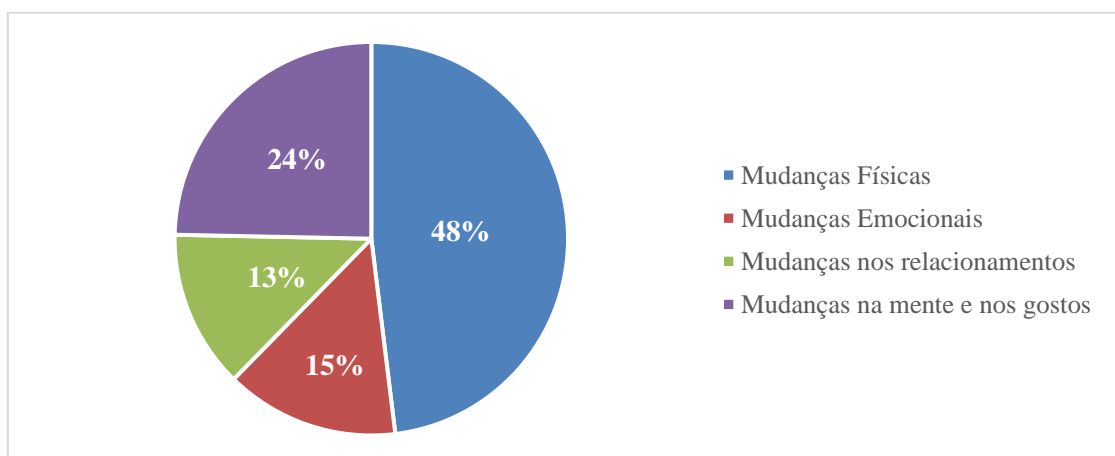
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A SDI foi aplicada para 90 estudantes, que retornaram com os TALE e TCLE preenchidos e assinados. Toda a aplicação ocorreu de acordo com o planejado. Tiveram alunos que choraram na primeira aula ao ver e rever as fotos de bebê e criança, outros deram gargalhadas. Eles demonstraram bastante descontração, empolgação, conversando bastante, falando alto, sorrindo e até mostrando as fotos para colegas fora de seu grupo.

As respostas apresentadas pelos alunos sugeriram que eles se sentiram bastante à vontade com o tema proposto, já que falava sobre a fase em que estão vivenciando, mas também houve certa surpresa diante de algumas perguntas feitas na SDI que davam a eles total liberdade de dizerem o que pensam; o que pareceu novo para vários estudantes. As respostas em geral, foram bastante intimistas e detalhadas. Diante disso, considera-se que os objetivos gerais e específicos do trabalho foram alcançados.

No Gráfico 1 estão as respostas mais mencionadas na primeira questão, uma questão aberta e discursiva que abordava sobre as transformações durante o período da adolescência. Essa questão foi respondida por alguns grupos como uma resposta única e, em outros grupos, individualmente. Elas foram agrupadas por categoria, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 1 - Respostas referentes à questão “*O que acontece com o nosso corpo, com a nossa mente, com a nossa vida, quando nos tornamos adolescentes?*”



Fonte: Elaboração própria.



Segundo Cabral e Nick (2001), a adolescência é uma fase entre a puberdade e a maturidade, geralmente dos 12 aos 21 anos para as meninas e dos 13 aos 22 anos para os meninos. Nessa fase ocorre um crescimento importante, incluindo desenvolvimento intelectual, dos interesses e das atitudes, além de mudanças físicas e fisiológicas.

Durante a puberdade, os adolescentes tornam-se sensíveis à sua imagem corporal à medida que seus corpos mudam rapidamente para se adaptarem e se tornarem corpos adultos. Sendo assim, a adolescência é considerada um período relevante no desenvolvimento humano, estando as transformações físicas e biológicas da adolescência associadas a mudanças no âmbito psicossocial e cultural, resultando em um período com características próprias e definidas (Cano; Ferriani; Gomes, 2008).

As principais transformações que ocorrem durante a adolescência se referem ao desenvolvimento de características sexuais secundárias, como o aparecimento de pelos pubianos e axilares, a forma mais arredondada do corpo das meninas devido ao desenvolvimento do tecido adiposo e dos seios, sendo esta última a mudança mais notável no corpo da menina. Além disso, o primeiro período menstrual que marca a maturação do sistema reprodutivo, a menarca, ocorre em momentos diferentes nas meninas, mas, sem dúvida, é um marco na vida de todas elas (Lima; Ribeiro, 2016).

Segundo Silva e Cavalli (2014), as mudanças físicas durante esta importante fase da puberdade obrigam o jovem a se adaptar às constantes mudanças pelas quais seu corpo passa, tanto interna quanto externamente, na tentativa de sair do corpo de criança e entrar em um corpo mais adulto, com hormônios diferentes circulando pelo corpo e eventualmente novas preocupações que acabam aparecendo.

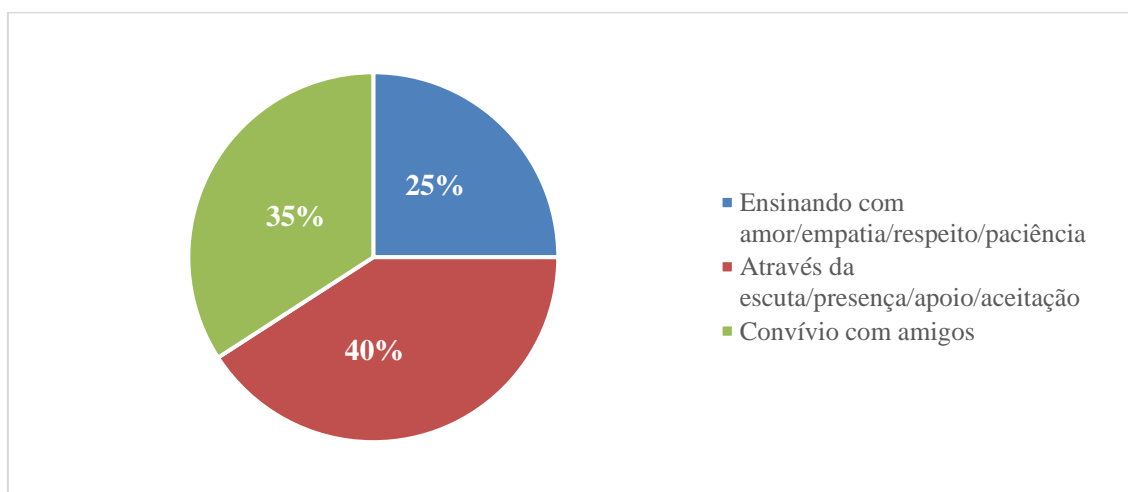
Além disso, é normal que os adolescentes tenham alterações de humor, sejam inseguros, fiquem tristes, tenham dúvidas e medos, e sintam-se diferentes ou incompreendidos, até mesmo por amigos e familiares. Mas, ao mesmo tempo, é na puberdade, que o adolescente precisa aprender a se conhecer, valorizar suas qualidades e respeitar seus limites nesse novo corpo e mente para poder cuidar melhor de si e fazer escolhas (Cordellini, 2006).

Diante disso, percebe-se que as respostas dadas pelo alunos durante a aplicação da SDI corroboram o que os autores descrevem como sendo as principais mudanças no período da adolescência, as mudanças físicas associadas à puberdade, como o

crescimento de pelos, acne e flutuações hormonais, além do surgimento de sentimentos intensos, descoberta de novos interesses e valores pessoais. Alguns adolescentes encaram essas mudanças de forma positiva, outros de forma negativa, mas a maioria deles demonstram insegurança devido às mudanças que enfrentam nesse período. Nesse contexto, promover uma visão positiva e saudável dessas mudanças pode ajudá-los a enfrentar os desafios da adolescência com mais confiança e resiliência, visto que a maneira como eles lidam com as transformações que ocorrem durante esse período podem ter um impacto significativo no seu bem-estar emocional, psicológico e social.

Considerando a questão de número 2 da SDI, que abordou sobre a contribuição da família, escola e sociedade para a felicidade dos adolescentes, após a apresentação da situação-problema, é possível verificar no Gráfico 2 as respostas mais mencionadas por categoria, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 2 - Respostas referentes à questão “*Como a família, a escola e a sociedade contribuem com a felicidade dos adolescentes?*”.



Fonte: Elaboração própria.

A adolescência corresponde a um período de descoberta dos próprios limites, questionamento dos valores e normas familiares e adesão forte aos valores e normas do grupo de amigos (Pratta; Santos, 2007). Os adultos desempenham um papel central neste processo, pois fornecem a base inicial para os jovens, fornecem à sociedade a bagagem essencial de regras e normas e servem como modelos introjetados, muitas



vezes como ideais, das atitudes e comportamentos que serão transmitidos aos mais jovens (Biasoli-Alves, 2001).

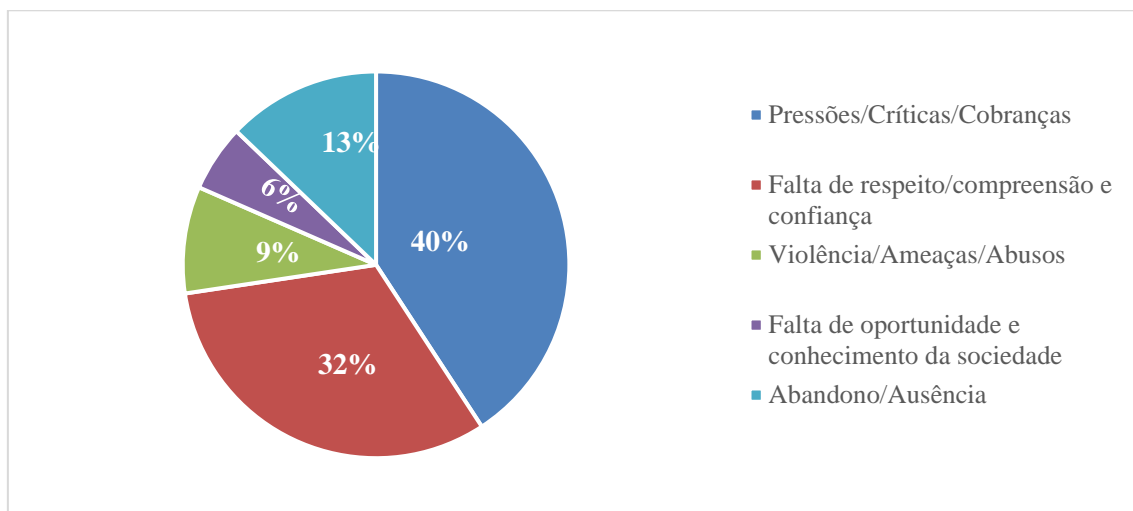
Portanto, embora os adolescentes muitas vezes tentem fechar-se no seu próprio “mundo”, nesta fase do desenvolvimento, o diálogo desempenha um papel mais importante. Devido a esta tendência à reclusão e à procura de refúgio na fantasia e nos devaneios, as conversas com os familiares são cruciais nesta fase da vida, pois é neste período que mais necessitam da orientação e compreensão dos pais. (Drummond; Drummond Filho, 1998).

Nesse contexto, a escola pode ser uma importante ferramenta de orientação, auxiliando no desenvolvimento da autoestima, aceitação, estratégias de enfrentamento dos problemas, responsabilidade e envolvimento para desenvolver e/ou fortalecer vínculos e conversas com os familiares (Costa *et al.*, 2014; Schoen-Ferreira; Aznar-Farias; Silves, 2003). É também importante que os educadores estejam conscientes do papel que desempenham na formação das identidades e na construção da autoestima dos seus alunos adolescentes, e que tenham a perspicácia e o tato para lidar com estas questões (Alves, 2008).

Assim como colocado pelos autores, percebe-se que os alunos que responderam à SDI valorizam um ambiente familiar onde se sintam apoiados emocionalmente, o que inclui ter o apoio dos pais, a capacidade de expressar seus sentimentos e serem compreendidos, além da existência de uma comunicação aberta e honesta. Isso é demonstrado, entre outras coisas, ao afirmarem que necessitam que seus sonhos e desejos sejam apoiados e que precisam ter mais oportunidade de expressar suas opiniões. Assim, fica evidente o quanto os adolescentes valorizam o bom relacionamento familiar e a interação com os pais, e percebe-se que eles interligam esse relacionamento com suporte emocional, sentimento de pertencimento e sucesso no desenvolvimento futuro.

A questão de número 3 também era discursiva e abordava sobre a contribuição da família, da escola e da sociedade para os comportamentos arriscados e perigosos dos adolescentes. O Gráfico 3 apresenta as respostas mais mencionadas agrupadas por categoria, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 3 - Respostas referentes à terceira questão “*Como a família, a escola e a sociedade contribuem com os comportamentos arriscados e perigosos dos adolescentes?*”.



Fonte: Elaboração própria.

Existem muitos fatores que afetam o desenvolvimento humano. Alguns fatores podem promover o desenvolvimento saudável, enquanto outros podem prejudicar o desenvolvimento saudável. Esses fatores são chamados de fatores de risco e fatores de proteção. Práticas parentais positivas podem servir como fator de proteção contra fatores de risco menos controláveis, enquanto práticas parentais negativas podem atuar como outro fator de risco e levar ao envolvimento em comportamentos de risco em vez de preveni-los (Duarte, 2022).

A qualidade das práticas educativas e das relações pais-filhos são importantes e estão relacionadas com a adoção ou prevenção de comportamentos de risco pelos jovens, que podem comprometer tanto sua saúde física quanto emocional, podendo contribuir para que eles tenham um melhor ajustamento e autorregulação, bem como desenvolvam a resiliência (Gaspar; Matos, 2016).

O suporte emocional familiar ou suporte social familiar, refere-se às práticas de aceitação, como práticas calorosas, de atenção, de responsividade, de envolvimento e de suporte sem ser de forma exagerada. Por outro lado, práticas de rejeição parental, expressas através de atitudes frias, agressivas e/ou negligentes podem potencializar uma maior frequência de comportamento de risco (Duarte, 2022).



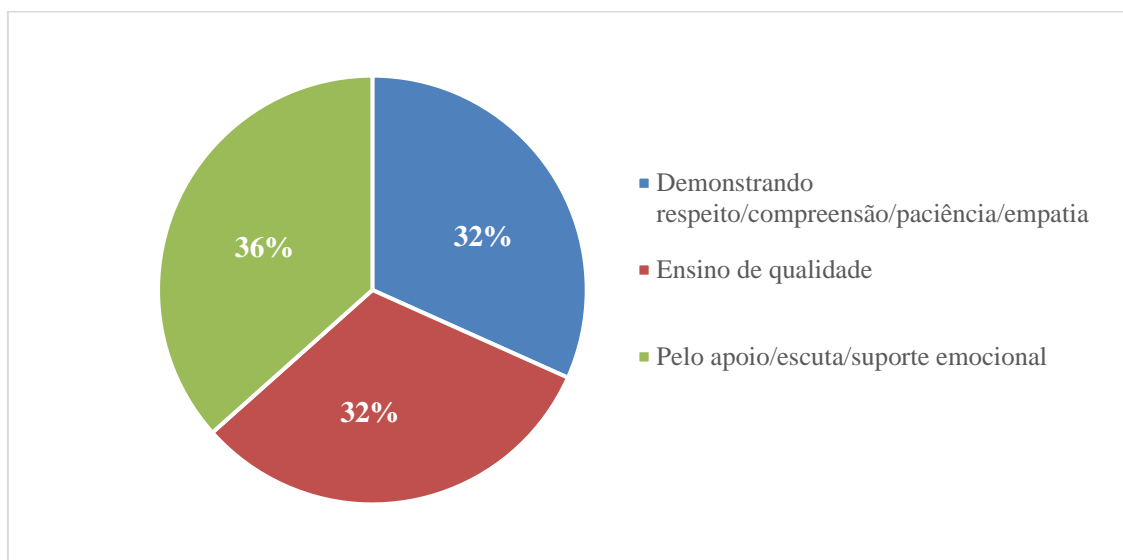
Boudreault-Bouchard *et al.* (2013) e Lim *et al.* (2015) constataram em seus estudos que tanto o apoio emocional materno como paterno promoveu a autoestima dos adolescentes, que sabemos ser um fator de proteção contra o envolvimento em comportamentos de risco.

Ademais, as práticas de suporte emocional, além de serem contrárias às de rejeição, e quando têm um nível de controle saudável, atuam como fator protetor contra problemas comportamentais e de saúde mental, como depressão, ansiedade, fobia social, delinquência, violência, dentre outros. Sendo assim, levando-se em conta que a adolescência é um período intenso de mudanças na vida do indivíduo, o apoio social pode fazer total diferença nessa etapa (Alves; Aglio, 2015).

Nas respostas dadas pelos adolescentes, percebe-se que a pressão e a cobrança excessiva são consideradas prejudiciais, o que corrobora a necessidade de um controle saudável, conforme citado pelos autores, a fim de evitar os problemas comportamentais ou de risco como forma de escapar de situações difíceis. Além disso, destaca-se nas respostas à SDI que uma compreensão inadequada e a falta de apoio emocional também são fatores citados pelos adolescentes como determinantes para a adoção de comportamentos de risco, reforçando mais uma vez o que os autores afirmam a respeito de atitudes frias, agressivas e/ou negligentes poderem potencializar tais comportamentos. Percebe-se que os adolescentes têm necessidade de obter maior autonomia, no entanto, eles reconhecem que são necessários ajustes para isso. Para os adolescentes, o modelo autoritário e cheio de restrições não é o melhor caminho, mas o diálogo e o apoio emocional são peças fundamentais para que eles não adotem comportamentos de risco.

No que diz respeito à questão de número 4, discursiva, que indagava sobre como os professores podem contribuir com o bem-estar dos alunos, o Gráfico 4 apresenta as respostas mais mencionadas agrupadas por categorias, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 4 - Respostas referentes à quarta questão “*Como os professores contribuem com o bem-estar dos estudantes?*”.



Fonte: Elaboração própria.

Segundo Petrucci *et al* (2014), considerando que o ambiente escolar tem grande significado para os indivíduos, não apenas no que diz respeito à aprendizagem, mas também ao seu desenvolvimento psicossocial, por envolver relações sociais, afetivas e afetivas, torna-se um ambiente importante para a construção do sujeito como pessoa. O professor atua como parte integrante e regular do grupo e, em última análise, interage diariamente com o aluno e, durante essa experiência, formam-se vínculos importantes que beneficiam o desempenho acadêmico e as relações socioemocionais do aluno (Petrucci *et al.* 2014).

As relações construídas entre professores e alunos, por vezes, vão além do conteúdo didático, resultando em amizade e companheirismo. Nessa convivência afetiva, o aluno pode acabar vendo o professor não apenas como um líder de turma transmitindo conhecimentos, mas também como um apoiador a quem pode recorrer em momentos de necessidade, seja para esclarecer dúvidas sobre o assunto ou para compartilhar acontecimentos de sua vida (Sampaio *et al.*, 2017). Nesse contexto, aplica-se a pedagogia da afetividade, na qual se utiliza o vínculo emocional para aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem. Para Pereira e Gonçalves (2010), “A segurança e confiança depositada no professor são fundamentais para a construção do processo de



aprendizagem.” Além disso, os vínculos afetivos estabelecidos facilitam que professores e alunos se expressem sobre questões pessoais no cotidiano escolar. Além disso, leva à autonomia e ao sucesso na construção da aprendizagem recíproca e na caracterização dos alunos como adultos confiantes e seguros, que podem pensar criticamente sobre o mundo ao seu redor (Pereira; Gonçalves, 2010).

Diante disso, ao procurar estratégias para lidar com o comportamento dos alunos, os professores precisam adotar técnicas de envolvimento emocional, expressar seu cuidado e empatia, e tentar fortalecer ainda mais a confiança entre alunos e educadores (Cid; Squassoni; Gasparini, 2019), o que contribuirá não apenas para uma escola mais acolhedora, como também para o bem-estar individual de cada estudante.

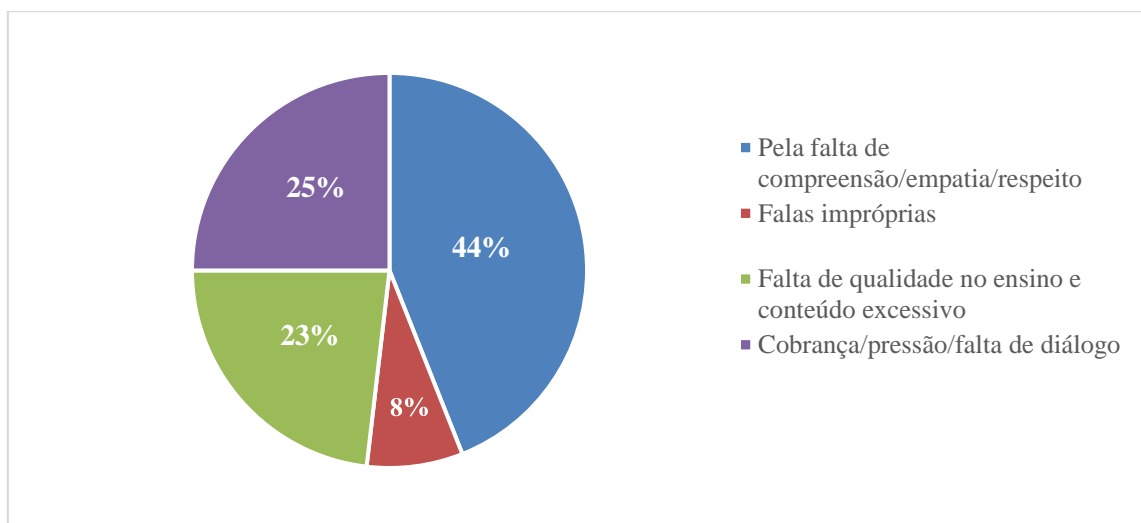
Além disso, de acordo com Segundo (2007) um bom professor é aquele que facilita o aprendizado, sabe conduzir a aula, o que para os alunos significa explicar bem, utilizando diferentes estratégias e atividades dinâmicas, tornando a aula interessante. Ao mesmo tempo, um bom professor direciona atenção aos alunos; preocupa-se com a aprendizagem deles; os apoia; é exigente, mas humano; permanece calmo e paciente; respeita o progresso dos alunos; incentiva e elogia os alunos, e sabe ouvir (Segundo, 2007).

As respostas dos alunos à SDI estão totalmente de acordo com o que os autores citados falam a respeito da importância de um ambiente seguro e inclusivo, um relacionamento positivo e uma comunicação aberta e clara entre professores e alunos, além disso, demonstram que, ao desempenharem seu papel de forma apropriada e visando o bem-estar dos alunos, não apenas contribuem para o sucesso acadêmico, mas podem ter um impacto duradouro na vida deles. Ainda de acordo com as respostas dadas, percebe-se o quanto é importante para os estudantes o envolvimento ativo do professor no processo de ensino e aprendizagem, deixando claro que professores comprometidos desenvolvem atividades e métodos de ensino que são relevantes, ao citarem que eles “explicam o conteúdo de forma clara”, “passam bons filmes” e “corrigem os exercícios passados”, demonstrando que essas atitudes ajudam os adolescentes a se sentirem mais motivados a aprender.

Referente à questão de número 5, discursiva, que indagava “*Como os professores contribuem com o mal-estar dos estudantes?*”, o Gráfico 5 apresenta as respostas mais

mencionadas agrupadas por categorias, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 5 - Respostas referentes à quinta questão “*Como os professores contribuem com o mal-estar dos estudantes?*”.



Fonte: Elaboração própria.

Em busca da compreensão de como os alunos experienciam a aprendizagem, o papel relevante dos professores nesse processo tem sido destacado (Hattie, 2009). Estudos mostram que o desempenho acadêmico dos alunos depende da sua percepção das competências pedagógicas dos professores, entre elas, a sua clareza de instrução e apresentação das aulas de uma forma interessante e cativante para os alunos (Ferguson, 2012). Por outro lado, o comportamento dos professores, como a falta de controle sobre a gestão da sala de aula e a percepção de que os professores “não estão com vontade de ensinar”, são fatores que contribuem para a diminuição do envolvimento dos alunos (McHatton *et al.*, 2014).

Conforme Gomes (2018), comportamentos do professor, como não prestar atenção aos alunos ou mostrar indiferença; ser injusto; ser impaciente ou intolerante; desrespeitar os alunos; ser agressivo; colocar os alunos em situações embaraçosas; não ter pulso e ser tolerante com alunos indisciplinados; não falar abertamente, elevar o seu tom de voz, gritar com os alunos, entre outras atitudes, podem dificultar o aprendizado.

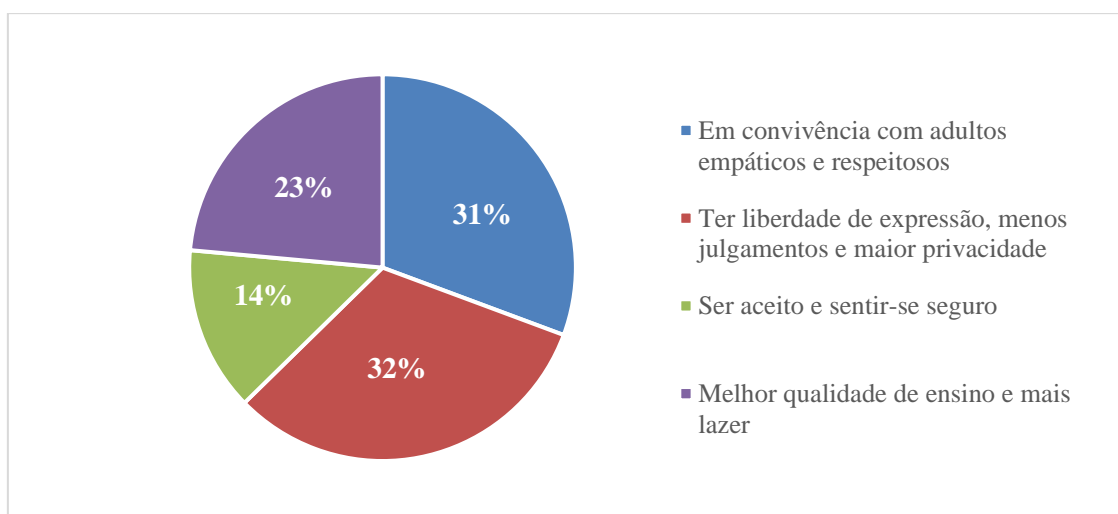
O comportamento desrespeitoso para com os alunos prejudica enormemente a sua autoestima, o seu desempenho na sala de aula e pode até prejudicar o seu desempenho na vida (Gomes, 2018).

Além disso, conforme Segundo (2007), quando as explicações não são suficientemente claras; as aulas são monótonas; existe uma recusa em ensinar e falta de compromisso; ocorre falta de reconhecimento, não permitindo que os alunos sejam produtivos e se envolvam nas aulas, assim como a incapacidade de responder às dúvidas dos alunos podem levar a atitudes como desinteresse e falta de estímulo para aprender.

As respostas dos adolescentes reforçam o exposto, indicando fatores que contribuem para o mal-estar dos estudantes, ao afirmarem que uma abordagem autoritária, inflexível, pressão excessiva, a falta de comunicação clara e aberta, bem como a falta de apoio e ausência de reconhecimento são algumas das atitudes dos professores que colaboram com a criação de um ambiente negativo, onde os alunos se sentem desconfortáveis e desmotivados.

No que diz respeito à questão de número 6, discursiva, que abordava sobre um mundo ideal para o adolescente, o Gráfico 6 apresenta as respostas mais mencionadas agrupadas por categorias, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 6 - Respostas referentes à sexta questão “*Como seria o mundo ideal para os adolescentes?*”

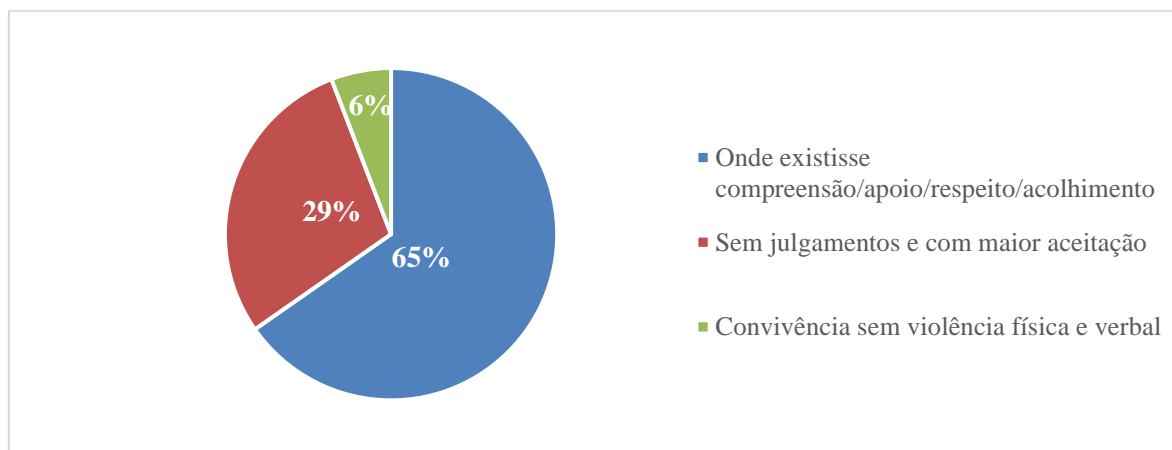


Fonte: Elaboração própria.

A concepção de um mundo ideal para os adolescentes pode variar dependendo das perspectivas individuais e culturais. No entanto, de acordo com as respostas apresentadas, entre as características do mundo ideal, pode-se destacar a educação de qualidade em um ambiente que promova o seu crescimento pessoal e profissional, com um ensino de qualidade, em que a prática educacional seja sinônimo de igualdade (Araújo; Medeiros, 2018); a necessidade real de que as famílias e as escolas – os dois ambientes onde estes jovens passam a maior parte do tempo – adotem a escuta ativa e empática, com o objetivo de acompanhar e capacitar os adolescentes e prepará-los para lidar com emoções e mudanças (Roehrs; Maftum; Zagonel, 2010); a participação na tomada de decisões, o que inclui ter a sua liberdade de expressão respeitada. Permitir essa participação ou autoexpressão é uma forma de reconhecer que a participação dos jovens pode provocar mudanças decisivas nas realidades sociais, ambientais, culturais e políticas em que vivem. Isso significa permiti-los se envolverem em processos de discussão, tomada de decisão, concepção e execução de ações que visem desenvolver o seu potencial criativo e poder transformador através do desenvolvimento de soluções para problemas reais (Freire, 2022).

Quando perguntado sobre a família ideal para os adolescentes, o Gráfico 7 apresenta as respostas mais mencionadas agrupadas por categorias, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 7 - Respostas referentes à sétima questão “*Como seria a família ideal para os adolescentes?*”.



Fonte: Elaboração própria.



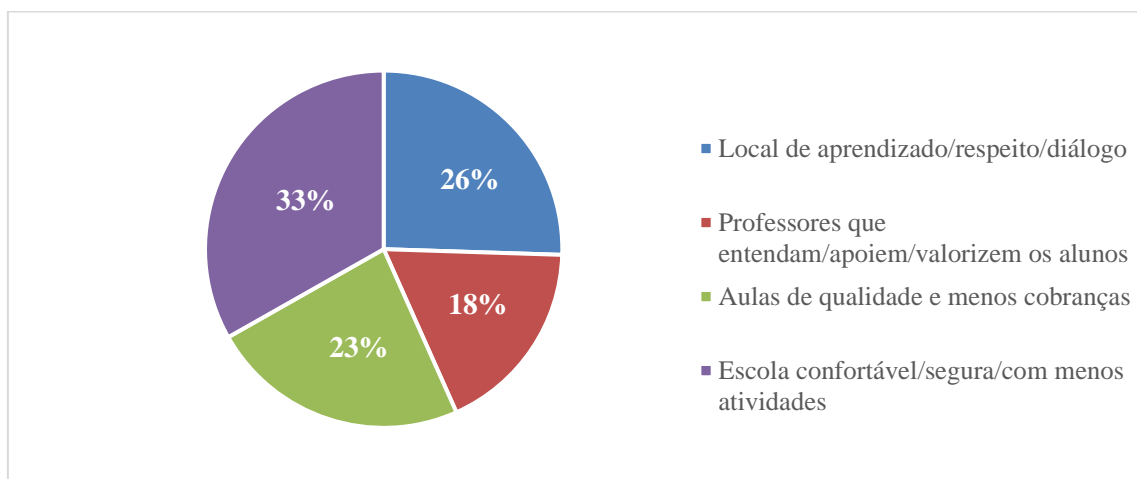
Os adolescentes precisam de um ambiente familiar estável e sólido que lhes proporcione estímulo e apoio. As interações dentro da família em termos de estimulação cognitiva, emoção e comportamento são fatores que influenciam o desenvolvimento de qualquer indivíduo, inclusive dos adolescentes. ((Fleming, 1993; Soares; Campos, 1988). A qualidade das práticas dentro da família podem transmitir sensação de bem-estar e orientar os adolescentes a esclarecerem suas dúvidas de forma segura, ajudando-os a desenvolver níveis de sentimento positivo que lhes ajudarão a serem mais confiantes para avançar em direção ao futuro. (Marujo; Neto; Perloiro, 2006).

Relacionamentos em uma família onde os membros respeitam uns aos outros em termos de emoções, valores, atitudes e comportamentos irão influenciar de maneira positiva as relações sociais dos adolescentes fora de casa. (Dias, 2012). Pais amorosos, que prezam pelo diálogo, transmitem carinhosamente seus valores e desejos aos filhos, que absorvem esses valores e desejos de forma livre e assumida.

Além disso, partilhar conhecimentos e experiências baseados na confiança podem melhorar a autoestima e a autoeficácia nos filhos. Desta forma, os adolescentes que vivem neste tipo de ambiente familiar terão uma atitude positiva e confiante em relação ao futuro e estarão mais convencidos de que os seus próprios esforços e capacidades trarão sucesso. (Peixoto, 2004).

Referente à questão de número 8, discursiva, que indagava a respeito da escola ideal para os adolescentes, o Gráfico 8 apresenta as respostas mais mencionadas agrupadas por categorias, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 8 - Respostas referentes à oitava questão “*Como seria a escola ideal para os adolescentes?*”.



Fonte: Elaboração própria.

Marzano (2003) define um ambiente de aprendizagem positivo como aquele em que os alunos se sentem seguros, valorizados e respeitados, o que inclui o incentivo a autoexpressão, a assumirem riscos intelectuais e a participarem ativamente das atividades de aprendizagem.

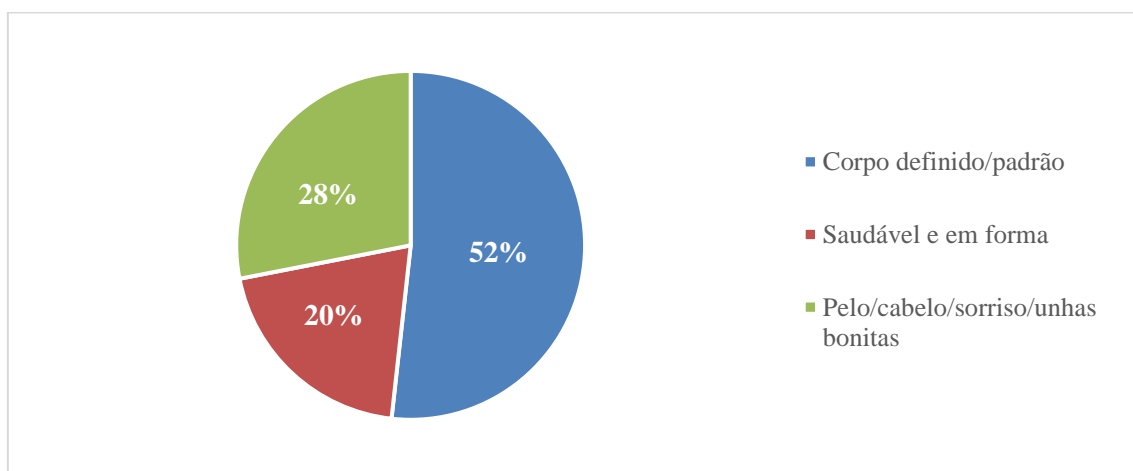
Hattie (2009) ao estudar o impacto de vários fatores educacionais no desempenho dos alunos, constatou que o clima da sala de aula, incluindo relações positivas entre professor e aluno, teve um impacto na aprendizagem. O autor enfatiza a importância de um ambiente de aprendizagem positivo para melhorar o desempenho acadêmico. Em paralelo, os resultados de um estudo de Rimm-Kaufman *et al.* (2009) indicaram que o ambiente positivo em sala de aula, caracterizado por relações calorosas entre professores e alunos, apoio emocional e um ambiente propício à aprendizagem, está relacionado com um melhor desempenho acadêmico ao longo do tempo.

Diante disso, Wang e Eccles (2012) ao abordarem o tema, afirmam que um ambiente de aprendizagem positivo é caracterizado por um ambiente emocional caloroso onde os alunos se sentem apoiados e encorajados a explorar, experimentar, cometer erros e aprender com eles, ao mesmo tempo que promove a confiança, o respeito mútuo e a cooperação entre os alunos.

Além disso, Hargreaves e Shirley (2012) enfatizam a importância do carinho e do apoio emocional no ambiente de aprendizagem. Quando os alunos se sentem apoiados emocionalmente, é mais provável que se envolvam ativamente na aprendizagem e respondam de forma construtiva aos desafios. Isto requer ser sensível às necessidades emocionais dos alunos e criar um ambiente seguro e acolhedor.

Na pergunta sobre o corpo ideal para os adolescentes, o Gráfico 9 apresenta as respostas mais mencionadas agrupadas por categorias, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 9 - Respostas referentes à nona e última questão “*Como seria o corpo ideal para os adolescentes?*”.



Fonte: Elaboração própria.

De acordo com Faria (2005, p. 362), a imagem do corpo apresenta definição semelhante ao autoconceito, que representa “a percepção que o indivíduo tem de si próprio e, em termos especiais, as atitudes, os sentimentos e o autoconhecimento acerca das suas capacidades, competências, aparência física e aceitabilidade social”.

A imagem corporal é um importante aspecto psicológico e interpessoal da adolescência. Durante esse período de desenvolvimento, os jovens frequentemente se preocupam com a forma como são vistos pelos outros, o que inclui a aparência física. No entanto, a preocupação exagerada com a imagem corporal pode afetar sua



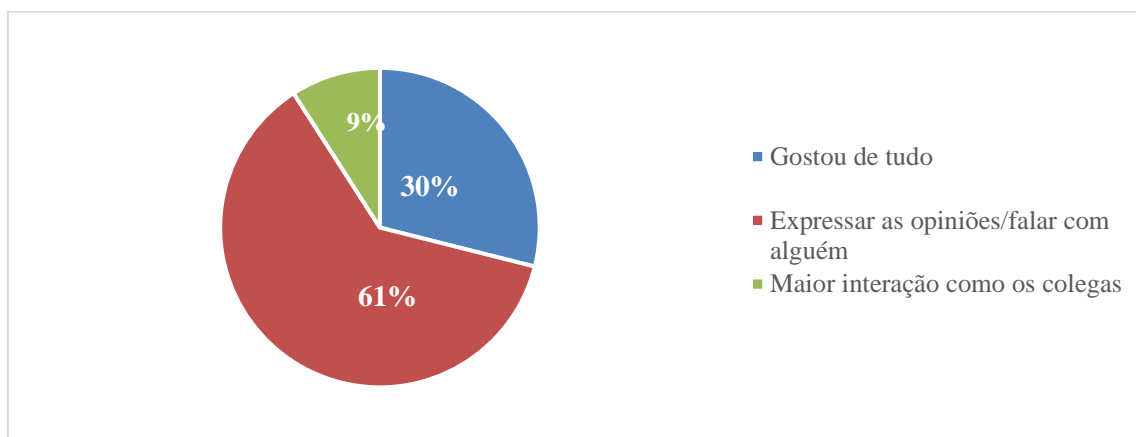
autoestima, confiança e até seus relacionamentos interpessoais, por isso é importante reconhecer e abordar essas preocupações de forma sensível e solidária.

Levine e Smolak (2002) consideram que a insatisfação do adolescente com o peso e forma corporal pode ser vista como uma insatisfação natural. No entanto, aos poucos, as pessoas estão percebendo que esta é a faixa etária mais suscetível à influência da mídia, principalmente quando se trata de ideais corporais. À medida que a mídia expõe corpos bonitos, aumenta a insatisfação com a imagem corporal, fato que tem determinado o desejo pela anatomia ideal (Labre, 2002; Nagel; Jones, 1992). Com o passar do tempo, foi se promovendo uma cultura corporal que estimula a beleza, a magreza, os corpos tonificados e outras formas que na maioria dos casos são inatingíveis (Amaral *et al.* 2007).

Entretanto, é preocupante notar que, uma vez que os adolescentes percebam que os padrões físicos que acreditam precisar alcançar estão muito além de suas capacidades, isso propicia o surgimento de distúrbios psicológicos como depressão, bulimia, anorexia, dismorfia muscular etc. (Nunes *et al.*, 2001; Stice *et al.*, 2000).

Após a aplicação e análise da SDI, foi aplicado o questionário final aos alunos, com perguntas relacionadas à atividade ministrada. Na primeira questão do questionário final, aberta e discursiva, que indagava sobre quais foram os momentos que os alunos mais gostaram na sequência de aulas sobre Puberdade e Adolescência, o Gráfico 10 apresenta as respostas mais mencionadas agrupadas por categorias, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 10 - Respostas referentes à primeira questão do questionário final “*Quais momentos você mais gostou da sequência de aulas sobre Puberdade e Adolescência?*”.



Fonte: Elaboração própria.

Silva (2002) acredita que o trabalho em grupo facilita a troca de experiências, a reflexão e a discussão de temas, e aumenta a probabilidade de os membros adotarem e imitarem novas atitudes e práticas. Verificou-se que o SDI favoreceu a expressão de ideias e sentimentos, além da troca e compartilhamento de experiências.

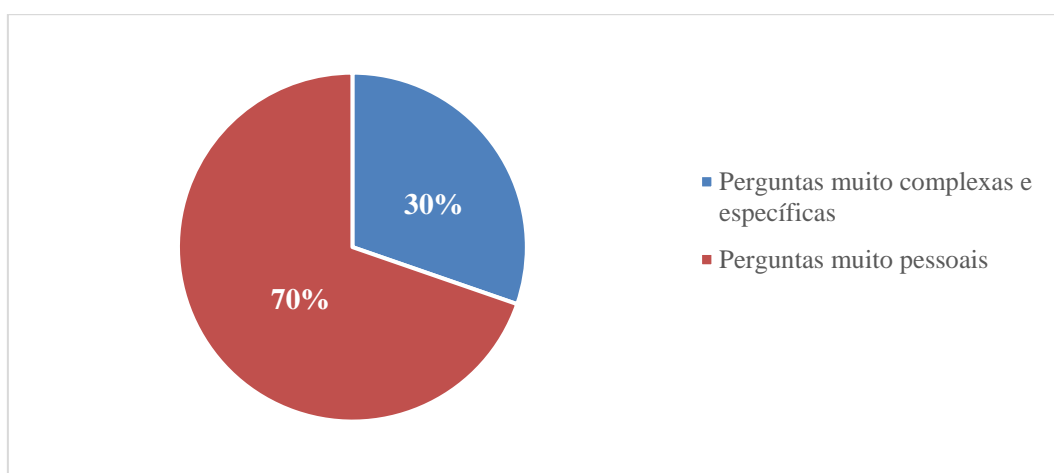
Percebe-se que as experiências e opiniões, ao serem refletidas e partilhadas, proporcionam a prática do autoconhecimento, o desenvolvimento da consciência crítica, a escuta e a compreensão do outro como seres diferentes (Miranda, 2003; Antunes, 1999; Fritzen, 1996). Dar aos jovens a oportunidade de falar sobre si mesmos, seus sentimentos, suas crenças e atitudes são vitais para adquirirem habilidades que os fortaleçam para enfrentar as diferentes situações do cotidiano. E foi possível, através do SDI, abordar os aspectos emocionais, cognitivos e sociais que influenciam o comportamento humano durante essa fase tão importante da vida (Minto *et al.*, 2006).

Corroborando com a literatura (Gorayeb; Netto; Bugliani, 2003; Botvin, 1999; Bravo; Gálvez; Martinez, 1998), os participantes indicaram que a SDI possibilitou melhorias no autoconhecimento, na reflexão, nos relacionamentos e nas competências necessárias para os ajudar a resolver problemas cotidianos, o que provavelmente contribuiu para um aumento do bem-estar destes jovens.

A segunda questão do questionário final, aberta e discursiva, indagou: “*Quais momentos você não gostou da sequência de aulas sobre Puberdade e Adolescência?*”. O

Gráfico 11 apresenta as respostas mais mencionadas agrupadas por categorias, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 11 - Respostas referentes à segunda questão do questionário final “*Quais momentos você não gostou da sequência de aulas sobre Puberdade e Adolescência?*”.



Fonte: Elaboração própria.

Embora os alunos tenham pontuado alguns pontos negativos referente à SDI, especialmente no que diz respeito a algumas perguntas que consideraram muito pessoais, é nítida a percepção de que a sequência didática cumpriu o seu propósito no estudo do conceito de adolescência, e em que os alunos de modo individual percebam a adolescência enquanto uma fase do desenvolvimento humano repleta de variados aspectos biológicos e/ou psicológicos que necessita de atenção e cuidado.

No entanto, tais opiniões reforçam que a falta de diálogo sobre o tema preenche a necessidade de desenvolver perspectivas críticas e reflexivas entre os alunos, promovendo a conscientização e a tomada de atitudes favoráveis diante das mudanças que os adolescentes irão enfrentar durante essa etapa da vida (Jardim; Marcelino, 2021).

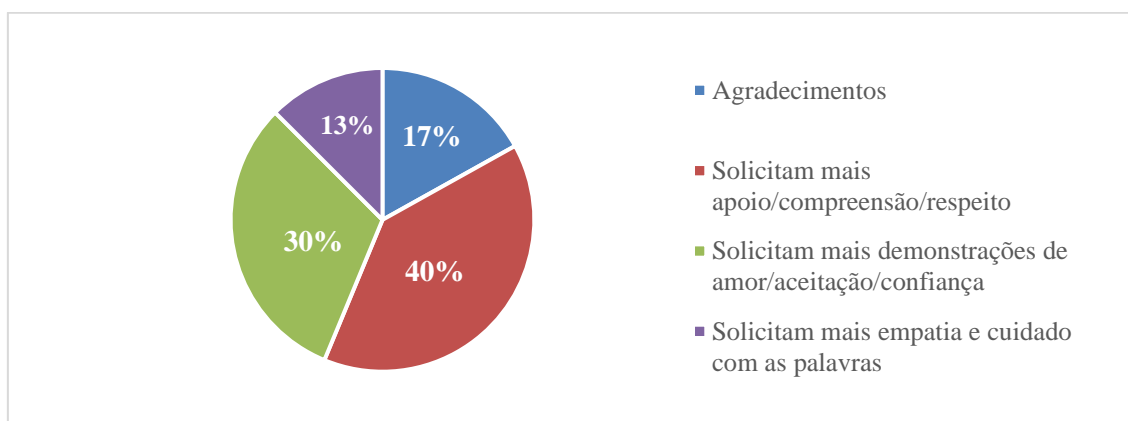
Ao observar e comparar as respostas em relação ao que os alunos gostaram e não gostaram, percebe-se que a maior parte dos alunos gostaram da SDI. Isso pode ser observado tendo em vista que mais alunos responderam o que gostaram e poucos o que não gostaram. A partir disso, pode-se afirmar que a avaliação dos estudantes sobre a atividade de ensino investigativo realizada foi positiva, pois eles consideram que ela foi

interessante, estimulou a reflexão, e colaborou com uma compreensão maior do tema abordado.

Segundo Bacich e Moran (2017), a utilização de estratégias metodológicas é um recurso essencial para estimular a reflexão e incentivar o envolvimento dos alunos, por isso é crucial que os professores estejam atentos e dispostos a se posicionar como mediadores e parceiros na construção do conhecimento para proporcionar aos alunos uma experiência mais rica em sala de aula. Dentro desse contexto, a SDI demonstra ser uma metodologia que permite direcionar as atividades de forma específica e de encontro à realidade que se deseja transformar, e sua implementação proporciona um processo de ensino e aprendizagem com maior eficiência (Jardim; Marcelino, 2021).

Assim, no que se refere à terceira e última questão do questionário final, questão aberta e discursiva, solicitava que os alunos deixassem um recado para os adultos que convivem com eles. O Gráfico 12 apresenta as respostas mais mencionadas agrupadas por categorias, de acordo com a quantidade de respostas semelhantes entre os alunos.

Gráfico 12 -Respostas referentes à terceira e última questão do questionário final que solicitava um recado para os adultos de convivência.



Fonte: Elaboração própria.

Nos recados deixados pelos adolescentes, pode-se destacar aqueles em que eles solicitam serem escutados, entendidos e respeitados. O ato de ouvir está ligado a compreensão e percepção do que está sendo dito através da audição, mais



especificamente dos ouvidos (Bastos, 2009). No entanto, para Brunel (2014), o ato de escutar envolve a existência do diálogo, e deve acontecer com respeito, amor e cuidado.

Escutar é mais que ouvir, é tentar, pela fala do outro, entendê-lo na sua inteireza, prestar atenção nos seus gestos, nos momentos em que sorri ao lembrar de algo ou de tristeza pela dor que aquelas palavras causam. É prestar atenção nas emoções que as palavras suscitam, como alterações de vozes, sensação de conforto ao dizê-las (Brunel, 2014, p. 33).

Quem fala quer ser olhado, e não julgado; e aquele que escuta deve demonstrar interesse na história da pessoa que está à sua frente. Por isso, a escuta é uma construção entre quem fala e quem escuta. “No contexto escolar, o ato da escuta não deve ser o de buscar verdades do estudante, e sim um ato de permitir que fale” (Pereira; Dhein, 2018, p. 9).

Os recados deixados pelos alunos evidenciam, entre outras coisas, a necessidade e o quanto os jovens querem falar sobre as angústias e inquietações que os afligem. A escuta proporciona a oportunidade de conhecer a história desses jovens, compreender as realidades em que vivem, o que poderá levar ao entendimento dos comportamentos que eles apresentam. Além disso, essa atitude possibilita que exista uma relação amigável e de respeito entre esses adolescentes e os adultos que se disponibilizam a ocupar esse lugar de escuta (Pereira; Dhein, 2018).



5 CONCLUSÃO

O trabalho traz 2 “investigações”: uma Sequência Didática Investigativa voltada para o adolescente aprender sobre Puberdade e Adolescência e outra voltada para o professor entender melhor sobre a Puberdade e a Adolescência, relatada pelos próprios adolescentes que estão vivenciando esta fase.

Confirma-se que a SDI apresentada é viável e aplicável no ambiente escolar, e ela apresenta bons resultados, com os estudantes demonstrando empenho, engajamento e muita sinceridade em todas as etapas. A maioria aprovou a SDI e assim ela atingiu os objetivos de aprendizagem propostos. Indicando também que o Ensino por Investigação é uma abordagem bastante pertinente para intensificar a aprendizagem.

Constata-se que este produto educacional pode ser mais um recurso utilizado por educadores, sugerindo ainda que, novos questionamentos sejam elaborados para retratar ainda mais particularidades a respeito da adolescência e sua saúde mental.

Admitimos que a saúde mental da criança e do adolescente é pouco estudada ainda no Brasil e no mundo. Esta atividade pode ser um ponto de partida para os colégios começarem a entender melhor o seu próprio público, as suas demandas e singularidades. Com as respostas e participação dos seus estudantes será possível transformar o ambiente escolar, num ambiente mais compreensivo e de mais respeito e acolhimento para as crianças e adolescentes que ali frequentam. Escola e comunidade escolar podem se unir e ouvir melhor o que as crianças e adolescentes têm a dizer e assim colaborar com sua saúde mental.

Sugerimos ainda que adultos: pais, responsáveis e professores principalmente, por lidarem frequentemente e/ou conviverem com crianças e adolescentes, que busquem informações sobre desenvolvimento humano e que entendam a importância de tratarem bem esses humanos em desenvolvimento. Em suma, espera-se que este trabalho possa contribuir para a reflexão sobre os cuidados com a saúde mental da criança e do adolescente, assim como incentivar a utilização do Ensino por meio da Investigação, que é um ensino muito mais prazeroso e agradável.



REFERÊNCIAS

- AGUENA, E. C. **As crenças e as atitudes parentais e o desempenho escolar de estudantes do Ensino Fundamental**. 2010. 87 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2010.
- ALVES, G. M. **A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma**. 2008. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia). Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2008. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/GabrielaMacileAlves.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- ALVES, F.; DELL'AGLIO, D. Percepção de Apoio Social de Adolescentes de Escolas Públicas. **Revista de Psicologia da IMED**, 7 (2), 89-98, 2015.
- AMARAL, A. C. S. A cultura do corpo ideal: nível de satisfação corporal entre escolares de diferentes faixas etárias – estudo comparativo. **HU rev.**, Juiz de Fora, v.33, n.2, p.41-45, abr./jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/hurevista/article/view/60/41>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- ANDREATA, M. A. **Aula expositiva e Paulo Freire**. Ensino Em Re-Vista, v. 26, n. 3, p. 700-724, 2019. Disponível em: <https://file:///C:/Users/Janaina/Downloads/revfaced,+Texto+4+-+Mauro+Antonio+Andreata.pdf>. Acesso em: 01 de maio 2023.
- ANJOS, R. E. dos. **O desenvolvimento da personalidade na adolescência e a educação escolar: Aportes teóricos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. 2017. 197 f. Dissertação (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara, 2017.
- ANTUNES, C. **Manual de técnicas de dinâmica de grupo de sensibilização de ludopedagogia**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ARAÚJO, J. M.; MEDEIROS, F. R. Educação de qualidade em consonância com a proposta do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). **Revista Científica Semana Acadêmica**, edição 122, n. 1, 2018. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/educacao_de_qualidade_em_consonancia_com_a_proposta_do_estatuto_da_crianca_e_do_adolescente_eca.pdf. Acesso em: 28 jan. 2024.
- ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1996.
- ARRUDA, W. da S. **Ensino por investigação científica no ensino médio: A qualidade da água**. Dissertação apresentada ao programa nacional de Mestrado



Profissional em Ensino de Biologia (PROFBIO) da Universidade Federal de Minas Gerais. Governador Valadares, 2019.

BACICH, L.; MORAN, J. (orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso Editora Ltda., 2018 (e-Pub).

BAHIA, E. Q. **Adolescentes: o que eles pensam da família?** 2021. 110 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea). Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições70, 2010.

BARROS, D. J. L.; ROCHA, R. S. Influência do contexto familiar na vida escolar de alunos adolescentes do Ensino Fundamental. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 11, p. 107921–107937, 2021.

BASTOS, A. B. B. I. A escuta psicanalítica e a educação. **Psicol inf.**, São Paulo, v. 13, n. 13, p. 91-98, 2009.

BIASOLI-ALVES, Z. M. Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. *In*: Z. M. Biasoli-Alves; R. Fischman (Orgs.). **Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância** (pp.79-93). São Paulo: EDUSP, 2001.

BLACK, P.; WILIAM, D. Desenvolvendo a teoria da avaliação formativa. **Educational Assessment, Evaluation and Accountability**, vol. 21, n. 1, p. 5-31. 2009.

BLAKEMORE, S. J. O Cérebro Social em Desenvolvimento: Implicações para a Educação. **Neurônio**, 25 de março de 2010, v. 65, n. 6, p. 744–747. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2860242/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

BONG, M. Effects of Parent-Child Relationships and Classroom Goal Structures on Motivation, Help-Seeking Avoidance, and Cheating. **The Journal of Experimental Education**, 76(2), 191-217, 2008.

BONI, M.; WELTER, M. P. **Neurociências cognitiva e plasticidade neural: um caminho a ser descoberto**. 2016. Disponível em: https://eventos.uceff.edu.br/eventosfai_dados/artigos/semic2016/391.pdf. Acesso em: 26 de set. 2022.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n. 8.069, de 13 de junho de 1990.



BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**. 2010. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Setembro amarelo: precisamos falar sobre a saúde mental**. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/eu-que-ro-me-exercitar/noticias/2022/setembro-amarelo-precisamos-falar-sobre-a-saude-mental>. Acesso em: 16 de dez. 2023.

BRAVO, A.; GÁLVEZ, H.; MARTINEZ, V. **Programa "Habilidades para Vivir"**. Santa Fé de Bogotá: Ministerio de Salud Colombia, 1998.

BOTVIN, G. J. Preventing drug abuse through the schools: Intervention programs that work. **Adolescência al día: habilidades para la vida**, Washington: Organización Panamericana de la Salud, v. 2, p. 81-112, 1999.

BRUNEL, C. **Jovens cada vez mais jovens na Educação de Jovens e Adultos**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

CABRAL, A.; NICK, E. **Dicionário técnico de psicologia**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

CANIVEZ, P. **Educar o cidadão?** Campinas: Papyrus, 1991.

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: Um estudo bibliográfico. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 8, n. 2, p. 18-24. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/JPdDpJvBwBXGfc9WXgBCWHw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 fev. 2024.

CARVALHO, A. M. P. **O ensino de Ciências e a proposição de sequências de ensino investigativas**. In: CARVALHO, A. M. P. (Org.). **Ensino de ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

CHOUDHURY, S., CHARMAN, T., BLAKEMORE, S. J. Desenvolvimento do cérebro adolescente. **Mind, Brain and Education**, Londres, v. 2, n. 3, 2008.

CID, M. F. B.; SQUASSONI, C. E.; GASPARINI, D. A. Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. **Pro-Posições**, v. 30, 2019. Campinas, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/x46ycvnxT3msphKhJm4WyjF/>. Acesso em: 26 jan. 2024.

CONCEIÇÃO, J. N.; REIS, M. de J. **Avaliação: suas modalidades e o reflexo no meio ambiente escolar**. 2018. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp->



content/uploads/2018/12/avaliacao-suas-modalidades-e-o-reflexo-no-ambiente-escolar.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA – CNJ. Constituição de 1988, um novo olhar sobre a criança e o adolescente. **CNJ**, 09 out. 2018. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/constituicao-de-1988-um-novo-olhar-sobre-a-crianca-e-o-adolescente/>. Acesso em: 21 jan. 2024.

CORDELLINI, J. V. F. Adolescência e saúde física e mental. MPPR, 2016. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/crianca/Pagina/ADOLESCENCIA-E-SAUDE-FISICA-E-MENTAL>. Acesso em: 03 fev. 2024.

COSTA, F. C.; JUNIOR, E. G. J.; FAJARDO, R. S. Depressão e suicídio na adolescência: representações sociais e indicadores de risco. **Visão Universitária**, v. 1, n. 1, p. 9-19, 2014. Disponível em: <http://www.visaouniversitaria.com.br/ojs/index.php/home/article/view/32> Acesso em: 26 jan. 2024.

COSTA JÚNIOR, J. F. *et al.* A importância de um ambiente de aprendizagem positivo e eficaz para os alunos. **REBENA – Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 6, p. 324-341, 2023.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. A família e a escola como contextos do desenvolvimento humano. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, abr. 2007.

DIAS, C. A. R. **A família na formação da identidade. Orientações de futuro**. 2012. 226 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2012. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2591/1/TESE_FINAL_Carlos%20Dias.pdf. Acesso em: 27 jan. 2024.

DUARTE, M. I. N. T. **Parentalidade e comportamentos de risco na adolescência**. 2022. 84 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação). ISPA – Instituto Universitário, Lisboa, Portugal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/8816/1/25660.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.

DRUMMOND, M.; DRUMMOND FILHO, H. **Drogas: a busca de respostas**. São Paulo: Loyola, 1998.

ESTANISLAU, G. M.; BRESSAN, R. A. (org.). **Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

FARIA, L. Desenvolvimento do autoconceito físico nas crianças e nos adolescentes. **Análise Psicológica**, v.23, n.4, p.361-371, 2005. Disponível em:



https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/6019/1/2005_23%284%29_361.pdf.
Acesso em: 26 jan. 2024.

FERGUSON, R. As pesquisas com estudantes podem medir a qualidade do ensino? **Phi Delta Kappan**, v. 94, n. 3, 24-28, 2012.

FERHAMANN, P. G.; KEITH, T. Z.; REIMERS, T. M. Home influence on school learning: Direct and indirect effects of parental involvement on high school grades. **Journal of Educational Research**, 80, p. 330-337, 1987.

FLEMING, M. **Adolescência e Autonomia. O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais**. Porto: Edições Afrontamento, 1993.

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

FONSECA, U. de J. LOPES, M. M. **Avaliação contínua da aprendizagem como indicador da qualidade educacional**. ID on line. Revista de psicologia, v. 12, n. 41, p. 124-138, 2018.

FREIRE, M. R. M (coord.). **Protagonismo juvenil: o poder do jovem na transformação da sociedade**. **Ministério Público do Estado do Pará**, 2022. Disponível em: <https://www2.mppa.mp.br/areas/institucional/cao/infancia/13-04-o-dia-do-jovem-e-o-protagonismo-juvenil.htm#>. Acesso em: 28 jan. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, S. L.; COSTA, M. G. N. da; MIRANDA, F. A. de. **Avaliação educacional: formas de uso na prática pedagógica**. 2014. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/e963/cbc546c4213680b523b78fef880759c60add.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.

FRITZEN, S. F. **Exercícios práticos de dinâmica de grupo**. (Vol 1). Petrópolis: Vozes, 1996.

GASPAR, T.; MATOS, M. G. Escala de Avaliação das Práticas Parentais: Controle e Aceitação. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 7, n. 1, 509-522, 2016.

GERHARDT, T. E. *et al.* **Métodos de pesquisa**. [Organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil—UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica—Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 31-32, 2009.



- GOMES, C. de M.; HORTA, N. de C. Promoção de saúde do adolescente em âmbito escolar. **Rev. APS**, Juiz de Fora, v. 13, n. 4, p. 486-499, out./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/14606/7832>. Acesso em: 22 jan. 2024.
- GOMES, M. M. Fatores que facilitam e dificultam a aprendizagem. **Educação Pública**, 17 jul. 2018. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/14/fatores-que-facilitam-e-dificultam-a-aprendizagem>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- GORAYEB, R.; NETTO, J. R. C.; BUGLIANI, M. A. P. Promoção de saúde na adolescência: experiência com programas de ensino de habilidades de vida. *In*: TRINDADE, Z. A.; ANDRADE, A. N. (Orgs.), **Psicologia e saúde: um campo em construção**, p. 89-100, 2003.
- HARGREAVES, A.; SHIRLEY, D. **The global fourth way**: The quest for educational excellence. Corwin Press. 2012.
- HATTIE, J. **Visible learning**: A synthesis of over 800 meta-analyses relating to achievement. Routledge. 2009.
- HERCULANO-HOUZEL, S. **O cérebro em transformação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 15.ed. Porto Alegre: Mediação, 1999. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1186/1761>. Acesso em: 20 de nov. 2023.
- JARDIM, C. A. C. R.; MARCELINO, V. S. A relevância da validação de uma sequência didática sobre gravidez na adolescência baseada na metodologia da problematização. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 12, n. 4, p. 1–21, 2021.
- JENSEN, F. E.; NUTT, A. E. **O cérebro adolescente**: guia de sobrevivência para criar adolescentes e jovens adultos. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda., 2015.
- LABRE, M. P. Meninos adolescentes e o ideal de corpo masculino musculoso. **Journal of Adolescent Health**., v. 30, n. 4, p. 233-242, 2002.
- LEVINE, M. P.; SMOLAK, L. Desenvolvimento da imagem corporal na adolescência. *In*: CASH, T.F.; PRUSINKY, T. **Imagem corporal: um manual de teoria, pesquisa e prática clínica**, p. 74-82. New York: Guilford Press, 2002.



LIM, S. A. *et al.* Apoio emocional dos pais e felicidade do adolescente: papéis mediadores da autoestima e da inteligência emocional. **Applied Research in Quality of Life**, 10(4), 631–646, 2015.

LIMA, G. de; RIBEIRO, L. de F. C. Puberdade: período de transição e mudança no corpo da menina. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE – Artigos 2016**, versão online, v. 1, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_cien_unioeste_genisiadelima.pdf. Acesso em: 03 fev. 2024.

LIMA, P. M. de; POLI, L. M.; SÃO JOSÉ, F. A evolução histórica dos direitos da criança e do adolescente: da insignificância jurídica e social ao reconhecimento de direitos e garantias fundamentais. **Rev. Bras. Polít. Públicas** (Online), Brasília, v. 7, nº 2, 2017 p. 313-329. Disponível em: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/A-Evolucao-Historica-dos-Direitos-da-Crianca.pdf. Acesso em: 3 fev. 2024.

LIPP, M. E. N. **Estresse na infância e na adolescência**. São Paulo. Papyrus Editora, 2014.

LIPP, M. E. N., ARANTES, J. P., BURITI, M. do S., WITZIG, T. **O estresse em escolares**. Psicologia Escolar e Educacional, 2002. Volume 6, Número 1, 51-56. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/n3mz9Bh5M7v86b7Y6JHL6rn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 de set. 2022.

MAGALHÃES S.; CARMO S. R.; DESSEN, M. A. **Reflexões sobre a saúde do adolescente brasileiro**. Psicologia, Saúde e Doenças, vol. 16, núm. 2, 2015, pp. 223-235 Sociedade Portuguesa de Psicologia da Saúde Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/362/36242128008.pdf>. Acesso em: 17 de nov. 2023.

MARTINS, N. R. M. **Adolescente, esse ser em transformação**. 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_cien_pdp_norma_rogeria_moreno_martins.pdf. Acesso em: 26 de set. 2022.

MARUJO, H. A.; MIGUEL NETO, L.; PERLOIRO, M. F. **Educar para o Otimismo**. Lisboa: Editorial Presença, 2006.

MATTOS, L. A. de. **Sumário de didática geral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1959.

MARUJO, H. A.; MIGUEL NETO, L.; PERLOIRO, M. F. **Educar para o Otimismo**. Lisboa: Editorial Presença, 2006.



MARZANO, R. J. **What works in schools: Translating research into action.** ASCD. 2003.

MCHATTON, P. *et al.* Investigando as percepções dos alunos do ensino médio sobre seus ambientes de aprendizagem por meio de desenhos. **Middle Grades Research Journal**, v. 9, n. 2, 37-55, 2014.

MIRANDA, S. **Oficina de dinâmica de grupos para empresas, escolas e grupos comunitários.** (Vol. 2). Campinas: Papirus, 2003.

MORBECK, A. P.; LEAL, R. S. **Biologia e identidade de gênero: Visão dos alunos do ensino médio sobre papéis de gênero, transgeneridade e acolhimento.** 49f. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Núcleo de Educação Científica do Instituto de Ciências Biológicas. Universidade de Brasília, 2019.

MORAES, A. P. Q. de. **O livro do cérebro.** Vol 1. São Paulo. SP, Editora Duetto - 2009. Pag 8 até 11. Disponível em: <http://bio-neuro-psicologia.usuarios.rdc.puc-rio.br/ahist%C3%B3ria-da-neuroci%C3%A2ncia.html>. Acesso em: 26 de set. 2022.

MORAES, R. **Análise de conteúdo.** Revista educação. Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NAGEL, K.; JONES, K. Fatores de predisposição na anorexia nervosa. **Adolescence**, v. 27, n.106, p. 381- 386, 1992.

NÉRICI, I. G. **Introdução à didática geral: dinâmica da escola.** 7. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1968.

NETO, C. S. P. T. **Manual de sequências didáticas: uma abordagem investigativa, dinâmica e contextualizada do ensino de biologia.** 2020. TCM (Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional PROFBIO) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://www.profbio.ufmg.br/wp-content/uploads/2021/09/TCM_CARLOSSANTOSPINON-.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

NOGUEIRA-MARTINS, L. A.; NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F. (2018). **Saúde Mental e Qualidade de Vida de estudantes universitários.** Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, 7(3), 334-337. doi: 10.17267/2317-3394rpds.v7i3.2086.

NUNES, M. A. *et al.* Influência do índice de massa corporal e da percepção do peso corporal nos sintomas dos transtornos alimentares. **Rev Assoc Bras Psiquiatr**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 23-27, 2001.

OLIMPIO, E.; MARCOS, C. M. A escola e o adolescente hoje: a partir da psicanálise. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.21, n.3, p. 498–512. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n3/v21n3a06.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2024.



OLIVEIRA, E. A. Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamento de externalização e internalização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 1, p. 1- 11, 2002.

OLIVEIRA, Z. L. de. **Violência escolar**: estratégias de enfrentamento. IV Jornada Internacional de Políticas Públicas. Universidade Federal do Maranhão – Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, 2009. Disponível em: https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIV/eixos/11_educacao/violencia-escolar-estrategias-de-enfrentamento.pdf. Acesso em: 21 jan. 2024.

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Ação Global Acelerada para a Saúde de Adolescentes (AA-HÁ!)**. 2017. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/49095/OPASBRA180024-por.pdf?ua=1>. Acesso em: 27 set. 2022.

OPAS. **Saúde mental dos adolescentes**. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em: 26 set. 2022.

ORES, L. da C. Risco de suicídio e comportamento de risco à saúde em jovens de 18 a 24 anos: um estudo descritivo. **Cad. Saúde Pública**, v. 28, n. 2, fev. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/MBYV7QnLb5fyzr64My3yVVL/#> . Acesso em: 22 jan. 2024.

PEIXOTO, F. Qualidade das relações familiares, autoestima, autoconceito e rendimento acadêmico. **Análise Psicológica**, 1 (XXII), 235-244, 2004. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/270219522.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2024.

PEREIRA, J. de O.; DHEIN, G. **Escuta no espaço escolar**: possibilidade de um novo olhar para os adolescentes da educação de jovens e adultos (EJA). 2018. 11 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia). UNIVATES, 2018. Disponível em: <https://www.univates.br/bduserver/api/core/bitstreams/dde3af11-f282-41df-889f-593a10586ac7/content>. Acesso em: 27 jan. 2024.

PEREIRA, M. J. de A.; GONÇALVES, R. Afetividade: caminho para a aprendizagem. **Revista Alcance** – revista eletrônica de EAD da UNIRIO, ed. 01, p. 12-19, 2010.

PERSICH, G. D. O. **Plano de aula: ser adolescente: sexualidade, puberdade e adolescência**. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/8ano/ciencias/ser-adolescente-sexualidade-puberdade-e-adolescencia/2047>. Acesso em: 26 de set. 2022.

PETRUCCI, G.W.; BORSA, J. L.; BARBOSA, A. J. G.; KOLLER, S. H. Adaptação cultural e evidências de validade da Escala de Relacionamento Professor-Aluno. **Aval. psicol.**, Itatiba: v. 13, n. 1, p. 133-142, 2014. Disponível em:



http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000100016. Acesso em: 26 jan. 2024.

PIANTA, R. C.; HAMRE, B. K. Conceitualização, medição e melhoria de processos em sala de aula: a observação padronizada pode alavancar a capacidade. **Educational Researcher**, vol. 38, n. 2, p. 109-119. 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.3102/0013189X09332374>. Acesso em: 21 jan. 2024.

PILETTI, C. **Didática geral**. 8. ed. São Paulo: Ática, 1987.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. Família e Adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicol. Estud.**, v.12, n. 2, ago. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVBgL#>. Acesso em: 26 jan. 2024.

REEVE, J. Como os alunos criam ambientes de aprendizagem motivacionalmente favoráveis para si próprios: O conceito de envolvimento agente. **Jornal de Psicologia Educacional**, v. 105, n. 3, p. 579–595, 2013.

REGO, T. C. **Memórias de escola**: cultura escolar e constituição de singularidades. Petrópolis: Vozes, 2003.

RIMM-KAUFMAN, S. E. *et al.* A contribuição da autorregulação das crianças e da qualidade da sala de aula para os comportamentos adaptativos das crianças na sala de aula do jardim de infância. **Developmental Psychology**, vol. 45, n. 4, p. 958-972, 2009.

RODRIGUES, M. L. L. **Montanha russa da puberdade**. Instituto Claro. 2016. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/para-ensinar/planos-de-aula/montanha-russa-da-puberdade/#:~:text=%E2%80%9320Identificar%20as%20principais%20altera%C3%A7%C3%B5es%20f%C3%ADsicas,que%20ocorrem%20durante%20a%20puberdade>. Acesso em: 26 set. 2022.

ROEHRS, H. MAFTUM, M. A.; ZAGONEL, I. P. S. **Adolescência na percepção de professores do ensino fundamental**. *Rev. esc. enferm. USP*, v. 44, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/Kkwp9fjGJ4D7sC6cpJqbCZt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jan. 2024.

ROSSI, L. M. *et al.* **Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive**. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csp/2019.v35n3/e00125018/pt/> Acesso em: 27 de set. 2022.



SALLES, L. M. F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos.** Estudos de psicologia. Campinas. Março 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/p6nq9YHw7XT7P7y6Mq4hw3q/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 14 de maio 2023.

SAMPAIO, A.B.A.; BRITO, H. R. N. G.; CÂMARA, C. M. F.; COUTINHO, E. M. C.; LIMA, J. M. C. Processos afetivos na relação professor e aluno: Reflexões sobre a mediação do Psicólogo escolar. **Revista Expressão Católica**, v. 6, n.1, p.54-62, 2017. SANTOS, B. *et al.* **Desenvolvimento de paradigmas de proteção para crianças e adolescentes brasileiros.** In: ASSIS, Simone de (org). Teoria e prática dos conselhos tutelares e conselhos dos direitos da criança e do adolescente Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2009.

SANTOS, M. L. C.; BOTTECHIA, J. A. de A. **O uso da metodologia ABP no ensino de ciências/ química com foco no ensinoaprendizagem.** Reflexões em Ensino de Ciências, Volume 3, capítulo XV, p. 208. Atena Editora, Ponta Grossa, 2018. Disponível em: https://cdn.atenaeditora.com.br/artigos_anexos/14_8d1c2bd5fa5c7c2bbdd7f65797e29f60e8b716b2.pdf. Acesso em: 19 de set. 2022.

SANTROCK, J. W. **Adolescência.** Porto Alegre: AMGH Editora Ltda. 2014. p. 36 – 115.

SBP. **O desenvolvimento do adolescente.** 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/O_Desenvolvimento_do_Adolescente_-_18_09_2019_-_Final.pdf. Acesso em: 26 set. 2022.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 107-115, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/X5DFFZCZsb4pmlChTsQVpb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SEGUNDO, T. **Afetividade no processo de ensino-aprendizagem:** a atuação docente que facilita ou dificulta a aprendizagem. 2007. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/16315/1/Thatiana%20Segundo.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.

SIEGEL, D. J.; BRYSON, T. P. **O cérebro da criança.** 1ª ed. São Paulo: nVersos Editora, 2011.

SILVA, C. A. B. da. **Violências invisibilizadas: estudo sobre o Programa Jasmim de Assistência à Violência (PAV) do Distrito Federal.** 2019. 67 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) Universidade



de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em:
[http://www.rlbea.unb.br/jspui/bitstream/10482/36836/1/2019_ClementinaAra%
 c3%bajoBagnodaSilva.pdf](http://www.rlbea.unb.br/jspui/bitstream/10482/36836/1/2019_ClementinaAra%c3%bajoBagnodaSilva.pdf). Acesso em: 15 nov. 2023.

SILVA, L. G. M. da; FERREIRA, T. J. O papel da escola e suas demandas sociais. **Projeção e docência**, v. 5, n. 2, p. 06-23, 2014. Disponível em:
<https://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/415>. Acesso em: 16 nov. 2023.

SILVA, P. C.; CAVALLI, M. O. Culto ao corpo na adolescência e a influência da mídia. **XXIII Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Pelotas**, 2014. Disponível em:
https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/CS_01653.pdf. Acesso em: 03 fev. 2024.

SILVA, R. C. **Metodologias participativas para trabalhos de promoção de saúde e cidadania**. São Paulo: Vetor, 2002.

SOARES, I.; CAMPOS, B. P. Vinculação e autonomia na relação do adolescente com os pais. **Cadernos de Consulta psicológica**, 4, 57-64, 1988. Disponível em:
<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/15590/2/82768.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. O Desenvolvimento do adolescente: SOUZA, ALICE DE. **Sem tabu: vamos debater o aumento do suicídio infantil no Brasil**. Lunetas, 2023. Disponível em: <https://lunetas.com.br/suicidio-infantil/>. Acesso em: 22 de abr. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação**. Departamento Científico de Adolescência, 2019. Disponível em:
https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/21512c-MO_-_ConsultaAdolescente_-_abordClinica_orientÉticas.pdf. Acesso em: 02 de out. 2023.

SOUZA, N. R. P. G.; FERNANDES, R.; MARTINS JÚNIOR, J. Violência: indisciplina e bullying no ambiente escolar. **Uningá Review**, v. 15, n. 2, 2013. Disponível em:
<https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/755/400>. Acesso em: 22 jan. 2024.

STICE, E *et al.* A imagem corporal e os distúrbios alimentares predizem o início da depressão entre adolescentes do sexo feminino: um estudo longitudinal. **J abnorm psychol**, Boston, v.109, n.3, p.438-444, 2000.

TAVARES, M. F. L.; ROCHA, R. M. Promoção da Saúde e a Prática de Atividade Física em Escolas de Mangueiras – RJ. *In*: Brasil. Ministério da Saúde. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil**. Brasília, DF: MS; 2006. p. 157-168. Disponível em:
https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/escolas_promotoras_saude_experiencias_brasil_p1.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.



TEIXEIRA, Maria Heloísa. **A não-infância: crianças como mão-de-obra em Mariana (1850-1900)**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de História, 2007. 302f. Tese (Doutorado em História Econômica) - Universidade de São Paulo (USP), Programa de Pós-Graduação em História Econômica, São Paulo: 2007. Disponível em: <https://www.abphe.org.br/uploads/Banco%20de%20Teses/a-nao-infancia-criancas-como-mao-de-obra-em-mariana-1850-1900.pdf>. Acesso em: 3 fev. 2024.

TOMLINSON, C. A.; MCTIGHE, J. **Integrating differentiated instruction and understanding by design: Connecting content and kids**. ASCD. 2006.

TOSTA, M. C. **Síndrome de alienação parental: a criança, a família e a lei**. [2013]. Disponível em: https://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/09/marlina_tosta.pdf. Acesso em: 16 de nov. 2023.

TRATADO DE PEDIATRIA: Sociedade Brasileira de Pediatria, Rio de Janeiro. 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/O_Desenvolvimento_do_Adolescente_-_18_09_2019_-_Final.pdf. Acesso em: 15 de set. 2023.

UGALDE, M. C. P.; ROWEDER, C. **Sequência didática: uma proposta metodológica de ensino-aprendizagem**. Educitec. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/992/506>. Acesso em: 05 de jan. 2023.

VIEIRA, C. de V. **Caminhos, dificuldades e acertos da escola regular na inclusão de pessoas com Síndrome de Down: relato de pais**. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Ensino em Educação Básica-Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação Básica. Universidade Federal de Goiás, 2021.

WANG, M. T.; ECCLES, J. S. O apoio social é importante: efeitos longitudinais do apoio social nas três dimensões do envolvimento escolar do ensino fundamental ao médio. **Child Development**, vol. 83, n.3, p. 877-895. 2012.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.



APÊNDICE A

Respostas referentes à questão “*O que acontece com o nosso corpo, com a nossa mente, com a nossa vida, quando nos tornamos adolescentes?*”

Categoria de respostas	Número de alunos
Mudanças no corpo em geral	30
Aumento das responsabilidades	25
Mudanças nos pensamentos/na mente/nos gostos	24
Surgimento de pelos pelo corpo	18
Explosão de hormônios	16
Crescimento do corpo	16
Surgimento de características sexuais secundárias (seios, quadril, barba, menstruação, fimose etc.)	15
Mudanças na voz e na fala	13
Mudanças nos cabelos	13
Mudanças e cuidados com a pele	11
Depressão/ansiedade/dependência emocional/preocupações	11
Pressão psicológica	9
Sentimentos amorosos/românticos por outras pessoas	9
Mudanças nos relacionamentos	9
Vida ficou mais difícil	8
Interesses em assuntos sociais	7
Mudanças de interesses	6
Mudanças nas emoções	5
Cobrança excessiva dos pais	5
Mente evoluiu	5
Conflitos internos	4
Aumento da liberdade	4
Mudanças na alimentação/paladar	4
Mudanças na cor dos olhos	4
Mudanças na autoestima	3
Variações de humor	3
Odores corporais	3
Enfrentar problemas e dificuldades sozinhos	3
Queremos ser independentes, mas não conseguimos	3
Confusão mental	3
Sentimento de culpa	2
Compreensão do mundo	2
Produção de gametas	2
Dores nas articulações	1
Conflitos de personalidade/de caráter	1
Mudanças na rotina	1
Necessidade de amigos	1
Perda da ingenuidade	1
Cuidar de tudo	1
Destruído psicologicamente	1
Percepção de uma sociedade doente	1



QI aumentou	1
Mudanças nos sonhos profissionais	1
Mãos e pés mudaram	1
Mudanças no comportamento	1
Mudanças no sono	1

Respostas referentes à questão “*Como a família, a escola e a sociedade contribuem com a felicidade dos adolescentes?*”.

Categoria de respostas	Número de alunos
Ensinando com amor/ empatia/ respeito/ paciência/ leveza/ tranquilidade/ protegendo a autoestima	33
Promovendo encontros	28
Permitindo o convívio e trocas com os amigos	25
Apoiando os sonhos e desejos deles que pareçam difíceis	20
Sendo mais presentes	15
Oportunidade de fala	12
Entendendo e respeitando os sentimentos e as necessidades dos adolescentes	10
Dando apoio/atenção	10
Ambientes saudáveis	9
Proporcionando momentos de lazer	9
Parando de julgar	9
Liberdade de expressão	8
Aceitando o modo de vida/gostos/estilo	7
Respeitando o tempo	5
Respeitando os limites emocionais	4
Reconhecendo seus esforços	4

Respostas referentes à terceira questão “*Como a família, a escola e a sociedade contribuem com os comportamentos arriscados e perigosos dos adolescentes?*”.

Categoria de respostas	Número de alunos
Pressionando	30
Cobrança excessiva	26
Abandono/ausência	23
Falta de liberdade	21
Tratando mal/não tratando com respeito	15
Falta de compreensão	13
Reprimindo	11
Diálogo agressivo	9
Falta de conhecimento sobre saúde mental	7
Criticando	6
Não respeita a privacidade e opinião	5
Silenciando o adolescente	4
Falta de boas oportunidades para adolescentes pobres e negros	3
Desconfiança	3



Convivência com pessoas que têm esses comportamentos	1
Violência física/verbal	1
Ameaças	1
Abusos	1

Respostas referentes à quarta questão “*Como os professores contribuem com o bem-estar dos estudantes?*”.

Categoria de respostas	Número de alunos
Explicando o conteúdo de forma clara	32
São educados/gentis	23
Com palavras de incentivo/encorajamento	21
Ministram aulas legais	19
Quando criam uma relação de amizade/são abertos a conversar	19
Dão apoio ao aluno/suporte emocional	19
São flexíveis/compreensivos	14
Explicando o conteúdo com paciência	13
Passando atividades atrativas	11
Ouvem os alunos	11
São simpáticos/empáticos	11
Tratam os alunos com respeito	11
Quando estão disponíveis para explicar novamente	9
Demonstram que se importam conosco	8
Demonstram que somos importantes	6
Mostram vontade em ensinar	6
Tirando as dúvidas com calma e paciência	6
Não sobrecarregam os estudantes com tarefas	3
Quando passam algum bom filme	2
Quando deixa os alunos livres/à toa	2
Corrigindo os exercícios passados	2

Respostas referentes à quinta questão “*Como os professores contribuem com o mal-estar dos estudantes?*”.

Categoria de respostas	Número de alunos
Agem com grosseria/xingamentos/ofensas/má-educação/gritos	26
Passando tarefas/projetos/trabalhos demais	22
Pressiona psicologicamente	22
São incompreensíveis/inflexíveis	19
Falta de empatia/compreensão	14
Clima tenso na aula	13
Piadas sem graça/com chacota/bullying/racismo/preconceito	12
É injusto e parcial	9
Tratando os alunos com desdém	9
Rotina cansativa e entediante	8
Cobrança excessiva	8
Briga/bronca	7



Não trata os alunos com respeito	5
Abordam assuntos novos perto de avaliações	4
Aplicam atividades em horários indevidos	4
Professor sem domínio do conteúdo	4
Não aceita atividade por causa da letra do aluno	4
Julga e reprime	4
Não demonstra vontade de ensinar/preguiça/descaso	4
Falas de desmotivação	4
Não acredita no aluno	4
Menosprezam nossos sentimentos	3
Não ouve os alunos	3
Não aceita as opiniões dos alunos	3
Fala coisas impróprias	1

Respostas referentes à sexta questão “*Como seria o mundo ideal para os adolescentes?*”

Categoria de respostas	Número de alunos
Poder ser o que quiser sem pressão ou exigência	21
Ser tratado com respeito	19
Mundo sem ENEM e vagas para todos nas universidades	17
Família mais participativa/respeitosa/amorosa/compreensiva	16
Ter mais liberdade inclusive liberdade de expressão	14
Adolescente ser ouvido/ ter liberdade de comunicação/ poder participar de grandes decisões	13
Sentir segurança/tranquilidade/paz em viver	12
Menos pressão psicológica/menos julgamentos	12
Ter seu espaço e sua privacidade	11
Proteção e atenção à sua saúde mental	11
Conviver com adultos equilibrados emocionalmente e mais empáticos	9
Adultos empáticos e respeitosos com os adolescentes	9
Viver num lar de paz e amor	8
Sem comparações	5
Adolescente ser aceito por ser quem é	5
Adultos entendessem e valorizassem mais os adolescentes	5
Menos atividades escolares	4
Ter os finais de semana livre, sem prova/tarefa/trabalho	4
Mais momentos de lazer	4
Férias maiores	4
Facilidade no mercado de trabalho	4
Escolas/faculdades/cidades mais estruturadas e organizadas	4
Professores e aulas melhores	4
Escola com matérias voltadas mais para vida	4
Menos aulas semanais	4
Adultos mais acolhedores e compreensivos	3
Poder ir a festas	2
Ser preparado para a vida adulta	2
Cuidar do meio ambiente pensando na vida e no futuro	2



Estudar o que gosta	2
Menos rigidez	1

Respostas referentes à sétima questão “*Como seria a família ideal para os adolescentes?*”.

Categoria de respostas	Número de alunos
Compreensiva	29
Adultos apoiassem e entendessem emocionalmente o adolescente	28
Eduque com amor/carinho/paciência/acolhimento	23
Apoie as nossas decisões/escolhas	23
Dar mais liberdade/ser mais liberal	21
Não julgue seus gostos/vontades/modo de viver/escolhas	18
Respeito sendo prioridade	17
Aberta para novas mudanças	17
Respeitar suas opiniões	15
Aceitasse o adolescente como ele é	13
Valorizasse os sentimentos dos adolescentes	12
Ajude/apoie o adolescente a resolver seus problemas	12
Proporcionasse boa condição de vida	11
Perguntar/ouvir/respeitar sua opinião	11
Sem briga/surra/violência física/verbal/ressentimento	8
Ser mais presente	8
Deixar o adolescente fazer coisas normais da adolescência (namorar, sair com os amigos, dormir na casa dos amigos)	7
Adultos deveriam amar incondicionalmente o adolescente	7
Convivência em harmonia e felicidade	6
Cuidasse e ajudasse mais o adolescente	5
Sem pressa e sem pressão	4
Oferecer ajuda psicológica	4
Fazer um ambiente seguro e livre de julgamentos	4
Sempre pensar na saúde mental do adolescente	4
Não “jogar na cara do adolescente” o que faz por ele	3
Não expor o adolescente às brigas do casal	3
Família dedicada ao adolescente	2
Não fizesse comentários ofensivos sobre nossa aparência	2
Me faça me sentir pertencente	2
Comemore e valorize suas conquistas	2
Que a família fosse eterna/sem mortes	1

Respostas referentes à oitava questão “*Como seria a escola ideal para os adolescentes?*”.

Categoria de respostas	Número de alunos
Menos atividades/tarefas/trabalhos	25
Ambiente agradável e de acolhimento	14
3 dias de descanso/fim de semana prolongado	13



Apoiasse os estudantes em suas decisões e dificuldades	13
Com diálogo/liberdade de fala	12
Com carteiras e salas confortáveis	12
Avaliação e aprovação além das notas	12
Com conteúdo para a vida ex.: política, gastronomia, primeiros socorros, finanças, bem-estar etc.	11
Aulas dinâmicas/ criativas/ práticas/ descontraídas/ interativas/ tecnológicas	10
Aulas que começassem mais tarde	7
Nada aos sábados, inclusive provas	7
Coordenação/assistente social/psicóloga, todos dispostos a sempre ajudar alunos e seus familiares	7
Lugar de aprendizado e respeito	7
Sem pressão psicológica/cobranças	7
Apoie, entenda e valorize o adolescente	7
Pensasse na saúde mental do aluno	7
Trate o adolescente com respeito	6
Escola voltada para o bem-estar dos alunos	6
Segura	5
Bons professores	5
Professores compreensivos/aplicados e dedicados	5
Boa convivência entre todos	5
2 aulas de educação física por semana	5
Aulas preparando para a vida e mercado de trabalho	5
Respeite a individualidade dos alunos	5
Recreio longo (35 minutos)	5
Aulas com boas e repetidas explicações	4
Férias prolongadas	4
Menos aulas por semana	4
Parceria e não rivalidade	4
Professores que entendam os alunos e seus desafios	4
Sem bullying	4
Mais intervalos	3
Coordenadores compreensivos e que reconheçam se corrijam seus erros	3
Respeite e valorize as potencialidades e competências dos estudantes	2
Possam dormir quando estão cansados	2
Estudassem o que gostam ou o necessário para o curso que querem	2

Respostas referentes à nona e última questão “*Como seria o corpo ideal para os adolescentes?*”.

Categoria de respostas	Número de alunos
Mais músculos/corpo definido/forte/atlético	44
Saudável e em forma	40
Sem estrias/sem celulite/sem espinhas/sem cicatrizes/sem calos/pintas/verrugas/ pele limpa e hidratada	29
Corpo proporcional/definido/“padrão”	27



Um pouco mais alto	26
Menos gordura	24
Seios mais fartos/bunda grande	22
Cabelos longos/lisos/bonitos/sem frizz	22
Glúteos e coxas mais definidos	16
Nariz fino	10
Unhas bonitas e saudáveis	8
Sem preocupação com os padrões impostos pela sociedade	8
Cintura “ampulheta”	7
Pé pequeno	6
Sem alterações no período menstrual	6
Corpo sem pelos	6
Boa postura	6
Sorriso reto e branco	5
Peso ideal	4
Queixo menor	2
Metabolismo mais rápido	2
Sem odores desagradáveis	2

Respostas referentes à primeira questão do questionário final “*Quais momentos você mais gostou da sequência de aulas sobre Puberdade e Adolescência?*”.

Categoria de respostas	Número de alunos
Gostamos de todas as partes	34
Pude falar minhas opiniões	15
Repensei minhas ações de vida/refleti sobre minha vida	14
Pudemos nos abrir	13
Pudemos falar com alguém	13
Serviu para nosso próprio conhecimento	11
Pude escrever sobre minhas opiniões	10
Nos sentimos ouvidos e importantes/liberdade para falar	10
Perguntas que abrem a nossa mente	10
Reuniões em grupo/interação/amizade	8
Consegui falar o que penso	5
Tira pesos de nossos ombros	4
Respostas extensas e detalhadas	3
Consegui desabafar	3
Me ajudou a entender e respeitar meus colegas	3
Pude ser sincero/sincera	2
Todas as perguntas foram oportunas	1

Respostas referentes à segunda questão do questionário final “*Quais momentos você não gostou da sequência de aulas sobre Puberdade e Adolescência?*”.

Categoria de respostas	Número de alunos
Perguntas muito invasivas	15
Perguntas muito específicas/complexas	10



Em grupo ter que responder perguntas muito pessoais	4
Perguntas muito pessoais	4
Alguns integrantes do grupo faltaram	4

Respostas referentes à terceira e última questão do questionário final que solicitava um recado para os adultos de convivência:

Categoria de respostas	Número de alunos
Nos deem mais apoio	23
Nos entendam mais/sejam mais compreensivos	21
Adolescência é um período complicado da vida	18
Lembre-se de quando você foi adolescente/se coloque no lugar do seu filho	16
Tenham mais paciência/mais calma	15
Entenda e valorize nosso esforço	13
Vocês são ótimos pais/madrasta/padrasto	12
Pensem antes de falar	12
Amamos vocês	12
Obrigado/obrigada por tudo	12
Confiem em nós	12
Nos tratem com mais respeito e seriedade	11
Sejam mais presentes	11
Obrigada por fazerem tudo por mim	10
Demonstre mais afeto/amor	10
Aceitem a profissão que eu escolhi	9
Me aceitem como sou	8
Nos levem a sério	8
Estou dando o meu melhor	7
Aceite/respeite nossas opiniões	7
Demonstre que se importam comigo/com o que sinto	6
Preciso do seu amor	6
Fico muito chateado/chateada com algumas coisas que vocês fazem comigo/falam para mim	6
Menos pressão/menos cobrança por favor	6
Respeite o meu tempo	4
Não nos apressem	4
Quero que se orgulhem de mim	4
Nos ouça para entender o nosso lado	4
Eu esperava mais	4
Sejam mais acolhedores	4
Me deixe aproveitar a minha adolescência/vida	2



APÊNDICE B

Sequência didática: 3 aulas

Tema central: Puberdade e Adolescência

Conteúdos estruturais e específicos: Puberdade e Adolescência

Objetivos

Objetivo geral: Identificar as principais alterações físicas, sociais e emocionais que ocorrem na Puberdade e na Adolescência.

Objetivos específicos:

Compreender as mudanças físicas, emocionais e sociais que ocorrem na puberdade e na adolescência.

Refletir sobre as emoções e os desafios que surgem nesta fase da vida.

Verificar hábitos saudáveis para lidar com as transformações e desafios da puberdade e da adolescência.

Desenvolver habilidades de pesquisa, análise e comunicação.

Identificar formas de respeito ao próprio corpo e ao corpo do outro também.

Meta

Ao final deste tópico, espera-se que os estudantes tenham participado das discussões e realizado as atividades sobre Puberdade e Adolescência de maneira a subsidiar a compreensão das diversas mudanças físicas, biológicas, sociais e emocionais que ocorrem nesta fase.

Atividade pré-aula

Solicitar que os estudantes tragam uma foto sua do período em que eram bebês e outra de quando eram crianças.

1º Momento: (Aula 1 / 15 minutos)

Levantamento prévio

Formando grupos com até 5 estudantes, pedir para eles colocarem o cabeçalho completo em uma folha por grupo e conversarem entre si e registrarem sobre a seguinte questão investigativa: 1. O que acontece com o nosso corpo, com a nossa mente, com a nossa vida, quando nos tornamos adolescentes?



2º Momento: (Aula 1 / 20 minutos)

Comparar as fotos e identificar o maior número possível de diferenças observadas entre o antes e o agora (altura, cabelos, mãos, pés, voz, comportamento, relação com os pais, sono, alimentação, sonhos, gostos etc.)

Registrar as mudanças que acontecem no corpo, na mente e na vida dos *Homo sapiens* quando se tornam adolescentes.

3º Momento: (Aula 1 / 10 minutos)

Um aluno de cada grupo, de maneira voluntária e espontânea, poderá ler as respostas do grupo registradas na folha, compartilhando com a turma as suas análises.

Entregar este registro para o professor ao final da aula. Para casa pesquisarem individualmente, registrando sobre a mesma questão discutida em sala de aula e trazerem para compararmos os registros antes da pesquisa e após a pesquisa. Durante a aula temos as percepções espontâneas e em casa a pesquisa que complementa, acrescenta e informa sobre as diversas mudanças que vivenciamos na adolescência.

4º Momento: (Aula 2 / 10 minutos)

Formar os mesmos grupos da aula anterior. Devolver as folhas para os grupos. Cada grupo deve anotar a data e o nome dos alunos presentes. Comparar as respostas dadas na aula anterior com as pesquisas feitas em casa. Acrescentar na folha as respostas divergentes.

5º Momento: (Aula 2 / 25 minutos)

Problematização e Levantamento de hipóteses

Professor ler a seguinte situação-problema:

Várias crianças cresceram juntas na mesma rua em que moravam. Seus pais eram amigos e eles se reuniam frequentemente. Eram de classes sociais parecidas. Quando entraram na adolescência, alguns deles se envolveram em pequenos furtos, algumas meninas engravidaram, outros começaram a beber bebida alcoólica frequentemente, outros se tornaram obesos, outros eram felizes e dedicados à escola, enquanto que outros pararam de estudar, alguns desenvolveram crises de ansiedade e depressão, uns viviam em paz em seus lares com suas famílias, enquanto que outros saíram de casa o quanto antes, alguns



se sentiam transgêneros, outros cisgêneros, alguns se declaravam homossexuais, outros heterossexuais, outros bissexuais, assexuais e pansexuais. Alguns começaram a trabalhar, outros se isolaram em seus quartos.

Em grupo, com cabeçalho completo, depois de ouvir a problematização, pedir que os estudantes registrem as hipóteses para as seguintes questões investigativas que são passadas no quadro:

2. Como a família, a escola e a sociedade contribuem com a felicidade dos adolescentes?
3. Como a família, a escola e a sociedade contribuem com os comportamentos arriscados e perigosos dos adolescentes?
4. Como os professores contribuem com o bem-estar dos estudantes?
5. Como os professores contribuem com o mal-estar dos estudantes?

6º Momento: (Aula 2 / 10 minutos)

Compartilhamento de suas respostas com a turma. Devolver as folhas para o professor e pesquisar em casa, anotando no caderno, sobre os assuntos abordados em aula.

Coleta de dados e Investigação

Os estudantes em casa, individualmente, irão pesquisar e investigar, buscando informações sobre as hipóteses levantadas. Levar registrado para a próxima aula.

7º Momento: (Aula 3 / 10 minutos)

Formar os mesmos grupos da aula anterior. Devolver as folhas para os grupos. Cada grupo deve anotar a data e o nome dos alunos presentes. Comparar as respostas dadas na aula anterior com as pesquisas feitas em casa. Acrescentar na folha as respostas divergentes.

8º Momento: (Aula 3 / 25 minutos)

As seguintes questões investigativas serão escritas no quadro para os grupos discutirem e responderem nas folhas.

6. Como seria o mundo ideal para os adolescentes?
7. Como seria a família ideal para os adolescentes?
8. Como seria a escola ideal para os adolescentes?
9. Como seria o corpo ideal para os adolescentes?



9º Momento: (Aula 3 / 5 minutos)

Apresentar os registros ao final da aula, compartilhando com a turma e em seguida, devolver para o professor as folhas com suas anotações.

10º Momento: (Aula 3 / 5 minutos)

Finalizar a aula com a música do Titãs: Eu não vou me adaptar.

(Letra de Nando Reis e Música de Arnaldo Antunes)

Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia
 Eu não encho mais a casa de alegria
 Os anos se passaram enquanto eu dormia
 E quem eu queria bem me esquecia
 Será que eu falei o que ninguém ouvia?
 Será que eu escutei o que ninguém dizia?
 Eu não vou me adaptar, me adaptar (3x)
 Eu não tenho mais a cara que eu tinha
 No espelho essa cara já não é minha
 É que quando eu me toquei achei tão estranho
 A minha barba estava deste tamanho
 Será que eu falei o que ninguém ouvia?
 Será que eu escutei o que ninguém dizia?
 Eu não vou me adaptar, me adaptar
 Não vou me adaptar! Me adaptar!

11º Momento: (Aula 4)

Questionário: Questionário final para analisar qual foi a percepção dos estudantes sobre a sequência didática aplicada (APÊNDICE II).

Avaliação

A avaliação será formativa. Os princípios norteadores da avaliação formativa segundo Hoffman (1996) são: criar momentos para os discentes expressarem suas ideias,



possibilitar discussão entre discentes sobre situações problemas, usar a linguagem informativa ao invés de certo e errado e pontuação tradicional, transformar os registros avaliativos em anotações de acompanhamento do processo de construção de conhecimentos.



APÊNDICE C

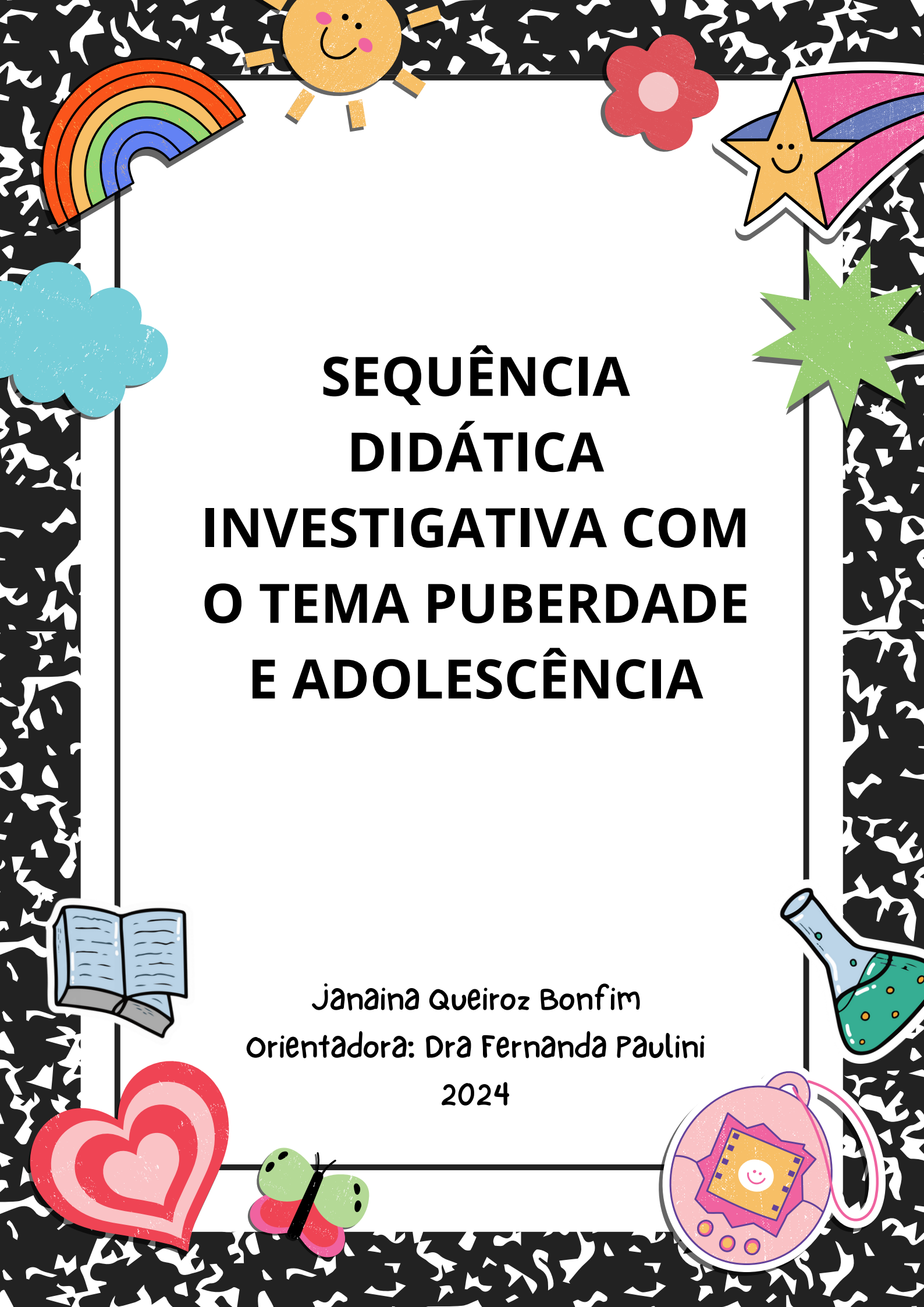
Nas últimas semanas, trabalhamos uma Sequência Didática Investigativa (SDI) sobre o tema: Puberdade e Adolescência.

Essa sequência foi realizada nos seguintes momentos:

- 1º: Levantamento prévio
- 2º: Problematização e Levantamento de hipóteses
- 3º: Coleta de dados e Investigação
- 4º: Discussão
- 5º: Fechamento
- 6º: Apresentação
- 7º: Questionário

Sobre o que foi realizado, pedimos que respondam às seguintes questões da forma mais completa o possível:

- 1) Sobre a Sequência Didática Investigativa (SDI) com o tema Puberdade e Adolescência, quais momentos você gostou desta sequência de aulas? Justifique sua resposta.
- 2) Ainda sobre a SDI com o tema Puberdade e Adolescência, quais momentos você não gostou desta sequência de aulas? Justifique sua resposta.
- 3) Deixe o seu recado para os adultos que convivem com você:



**SEQUÊNCIA
DIDÁTICA
INVESTIGATIVA COM
O TEMA PUBERDADE
E ADOLESCÊNCIA**

Janaina Queiroz Bonfim
Orientadora: Dra Fernanda Paulini
2024



AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



SUMÁRIO

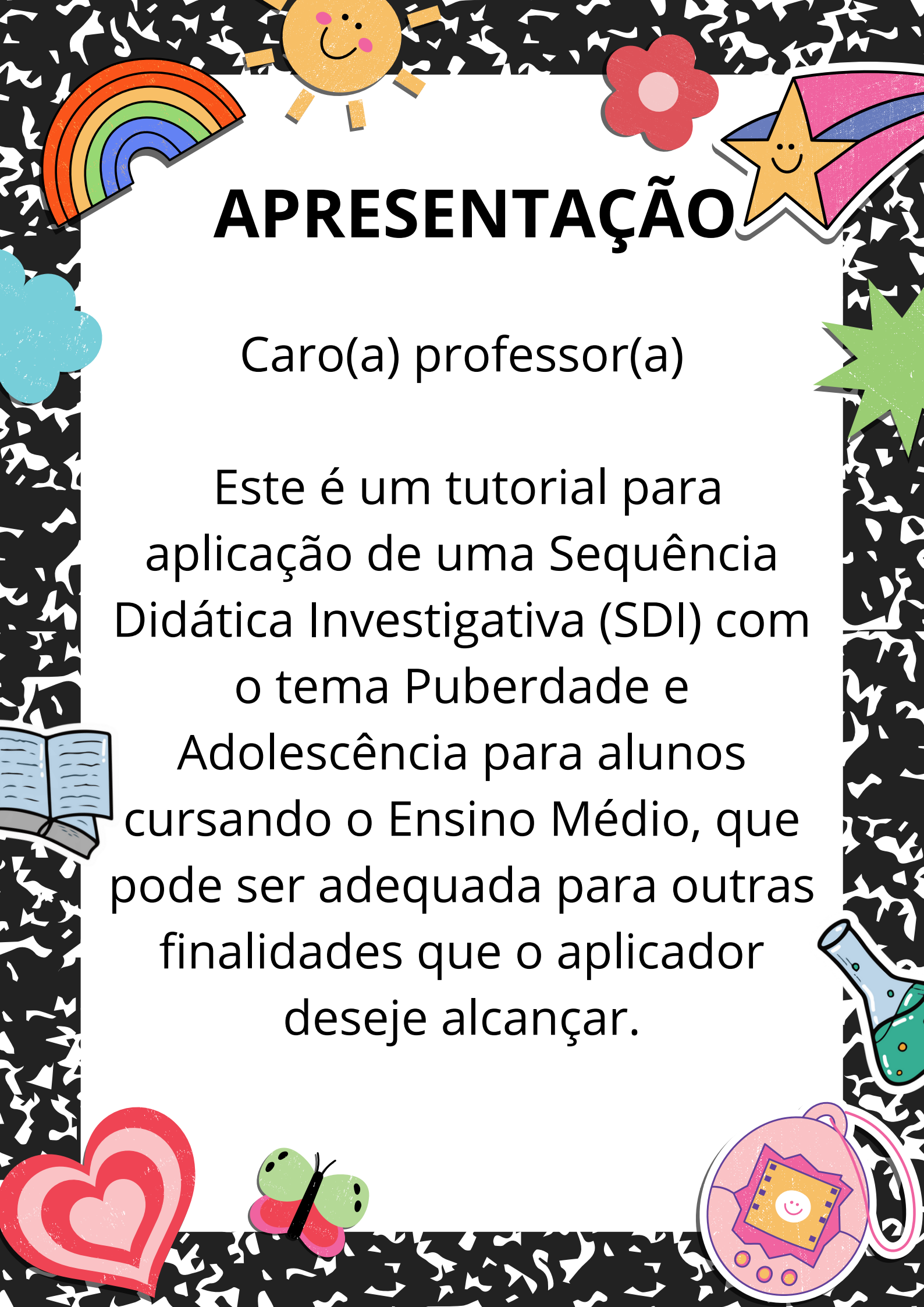
APRESENTAÇÃO.....	3
RECURSOS.....	4
ETAPAS.....	5
SUGESTÃO.....	14
REFERÊNCIAS.....	15



APRESENTAÇÃO


Caro(a) professor(a)

Este é um tutorial para aplicação de uma Sequência Didática Investigativa (SDI) com o tema Puberdade e Adolescência para alunos cursando o Ensino Médio, que pode ser adequada para outras finalidades que o aplicador deseje alcançar.







RECURSOS



Situações-problemas impressas para serem entregues aos grupos de alunos.




Folhas de papel e canetas para que anotem as suas respostas.



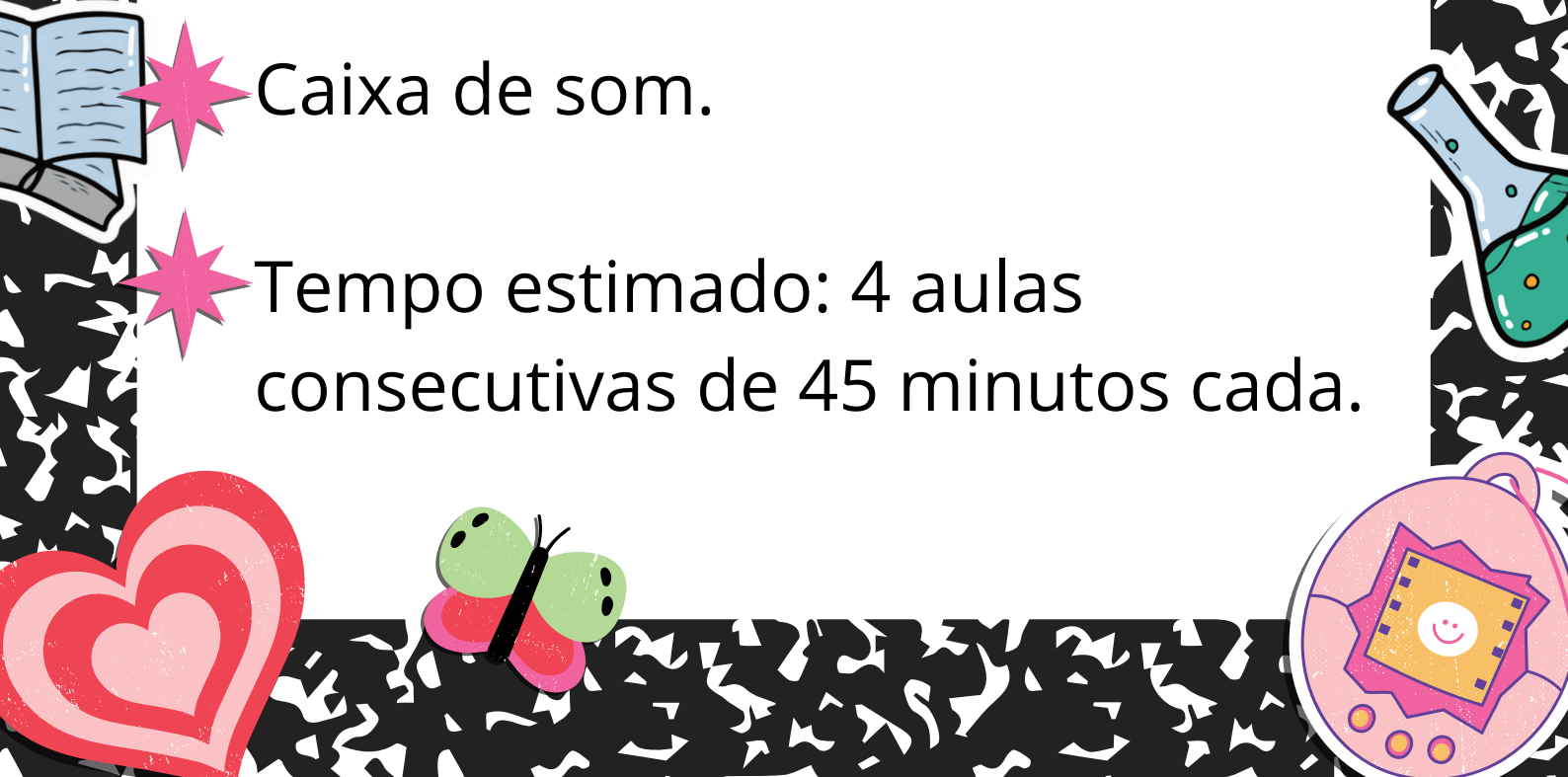
Um ambiente em que possam se reunir para a discussão.



Caixa de som.



Tempo estimado: 4 aulas consecutivas de 45 minutos cada.





ETAPAS

Atividade pré-aula: O professor deve solicitar que os estudantes tragam para a próxima aula, uma foto sua do período em que eram bebês (0 a 3 anos aproximadamente) e outra foto de quando eram crianças (4 a 11 anos aproximadamente).

Aula 1

1º momento da aula (15 minutos):

- Explicar as etapas da SD
- Dividir os alunos em grupos de até 5 estudantes (por afinidade)
- Entregar uma folha para preencherem: nome do colégio, data, nome da disciplina, série/turma, nome do professor e dos integrantes do grupo.

Obs.: Esta folha será acrescida de outras ao longo da SD.

Escrever no quadro:

1. O que acontece com o nosso corpo, com a nossa mente, com a nossa vida, quando nos tornamos adolescentes?



Aula 1

2º Momento (20 minutos):



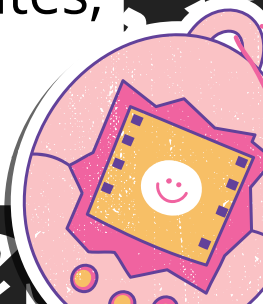


Pedir aos alunos para fazerem uma comparação entre antes e depois, baseada em fotos antigas (altura, cabelos, mãos, pés, voz, comportamento, etc.) e registrarem as diferenças na folha entregue no momento anterior.

Aula 1

3º Momento (10 minutos):

Um aluno de cada grupo, de maneira voluntária e espontânea, poderá ler as respostas do grupo registradas na folha.

Após isso, a folha deverá ser entregue para o professor e será solicitado que os alunos pesquisem em casa, podendo utilizar quaisquer meios para buscar novas informações, sobre as mudanças que acontecem no corpo, na mente e na vida dos humanos quando se tornam adolescentes, trazendo a pesquisa anotada no caderno.






Aula 2

1º momento (10 minutos):

Os mesmos grupos da aula anterior deverão ser formados e as folhas que ficaram com o professor serão devolvidas para os grupos, que deverão anotar a data e o nome dos alunos presentes.

As respostas dadas na aula anterior deverão ser comparadas com as pesquisas feitas para verificar se existem divergências nas respostas.

As novidades encontradas nas pesquisas poderão ser acrescentadas na folha em que eles fizeram as anotações na aula anterior e os grupos poderão compartilhar com a turma o que encontraram de divergência.






Aula 2

2º Momento (25 minutos):

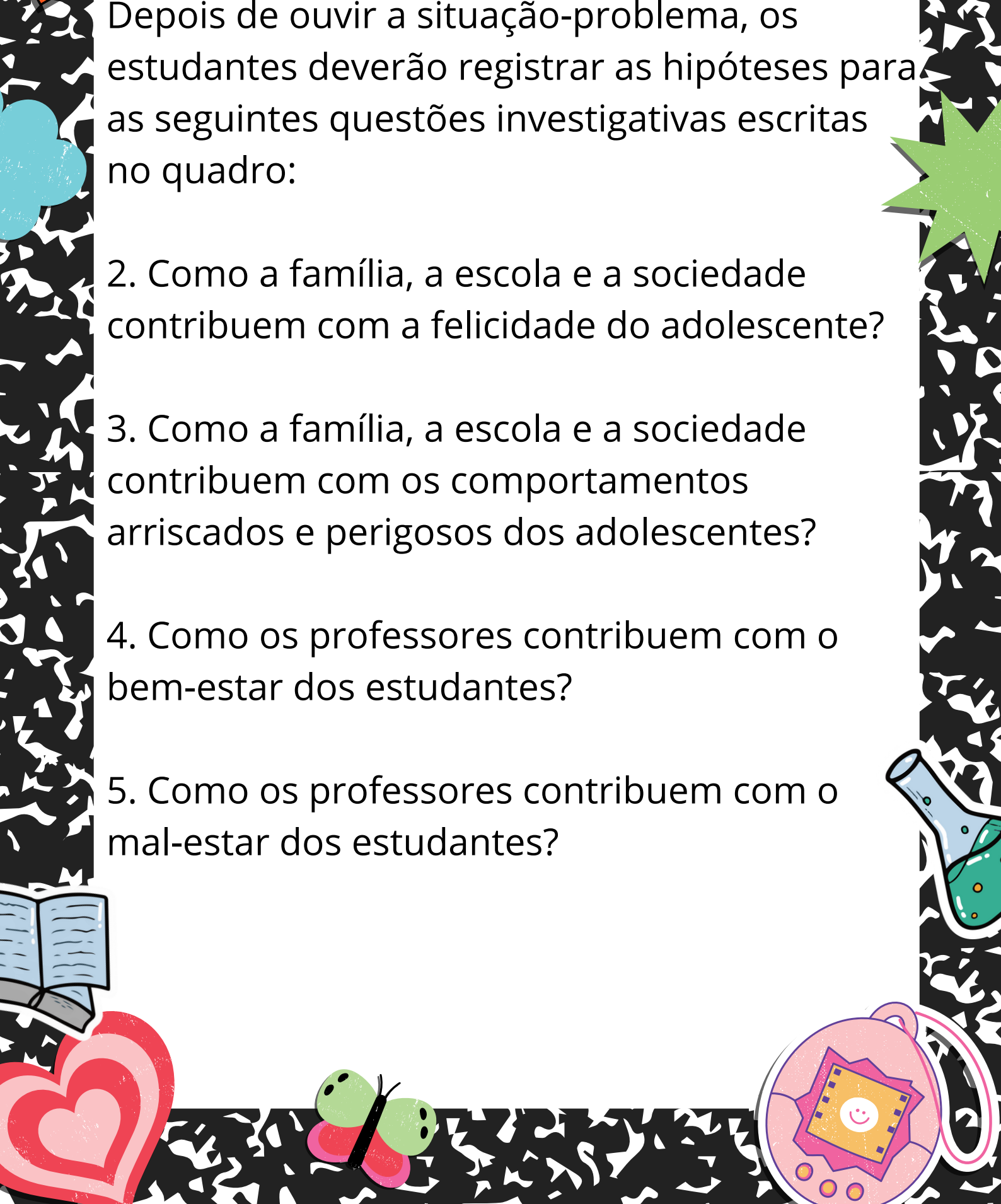
A seguinte situação-problema deverá ser lida pelo professor:

Várias crianças cresceram juntas na mesma rua em que moravam. Seus pais eram amigos e eles se reuniam frequentemente. Eram de classes sociais parecidas.

Quando entraram na adolescência, alguns deles se envolveram em pequenos furtos, algumas meninas engravidaram, outros começaram a beber bebida alcoólica frequentemente, outros se tornaram obesos, outros eram felizes e dedicados à escola, enquanto que outros pararam de estudar, alguns desenvolveram crises de ansiedade e depressão, uns viviam em paz em seus lares com suas famílias, enquanto que outros saíram de casa o quanto antes, alguns se sentiam transgêneros, outros cisgêneros, alguns se declaravam homossexuais, outros heterossexuais, outros bissexuais, assexuais e pansexuais. Alguns começaram a trabalhar, outros se isolaram em seus quartos.



Depois de ouvir a situação-problema, os estudantes deverão registrar as hipóteses para as seguintes questões investigativas escritas no quadro:

2. Como a família, a escola e a sociedade contribuem com a felicidade do adolescente?
 3. Como a família, a escola e a sociedade contribuem com os comportamentos arriscados e perigosos dos adolescentes?
 4. Como os professores contribuem com o bem-estar dos estudantes?
 5. Como os professores contribuem com o mal-estar dos estudantes?
- 



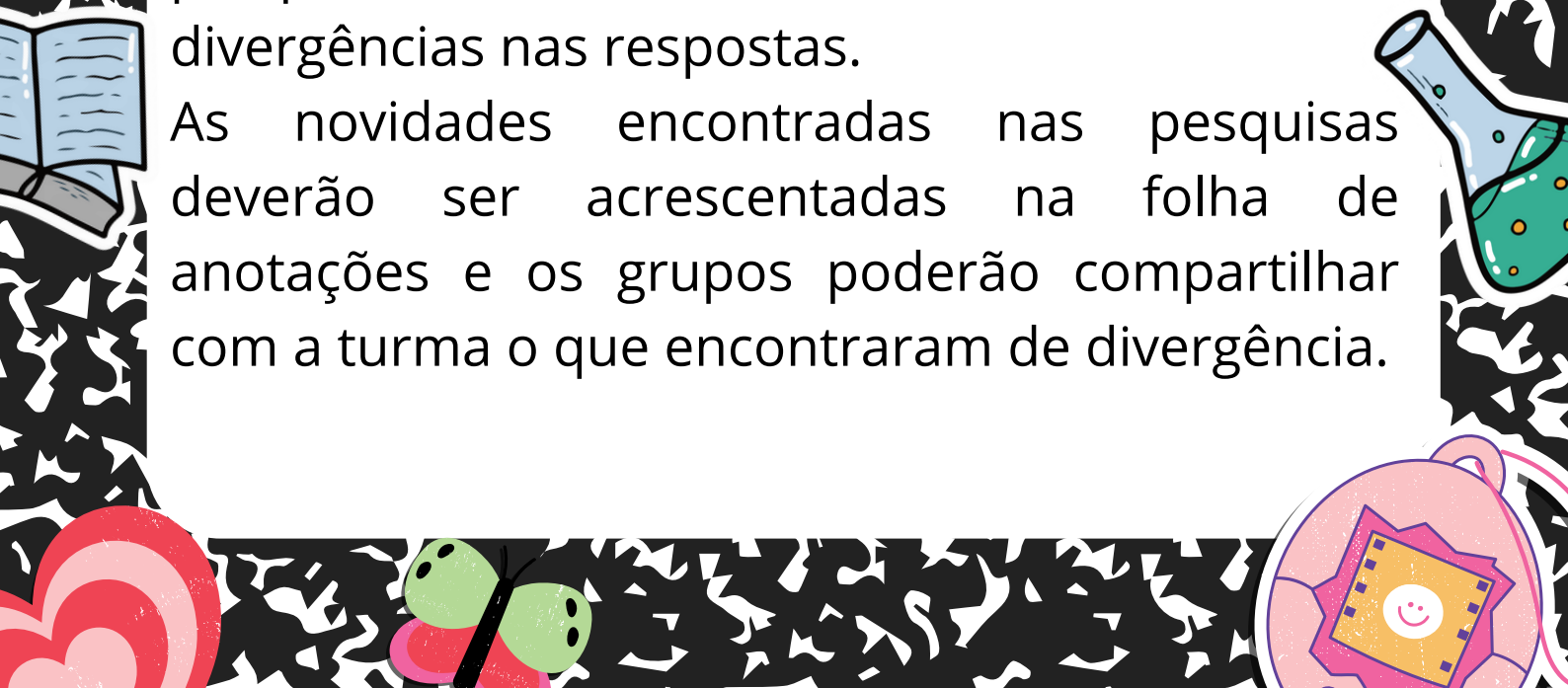
Aula 2

3º Momento (10 minutos): Alguns grupos, se desejarem, ao final da aula, poderão ler suas respostas. Após isso, deverão devolver as folhas para o professor e serem orientados a pesquisar em casa, anotando no caderno, sobre como a família, a escola, a sociedade e os professores podem contribuir com a saúde mental e o bem-estar dos adolescentes.

Aula 3

1º Momento (5 minutos): Os grupos da aula anterior deverão ser formados novamente, as folhas que ficaram com o professor serão devolvidas aos grupos, os quais devem anotar a data e o nome dos alunos presentes, comparar as respostas dadas na aula anterior com as pesquisas feitas e verificar se existem divergências nas respostas.

As novidades encontradas nas pesquisas deverão ser acrescentadas na folha de anotações e os grupos poderão compartilhar com a turma o que encontraram de divergência.





Aula 3

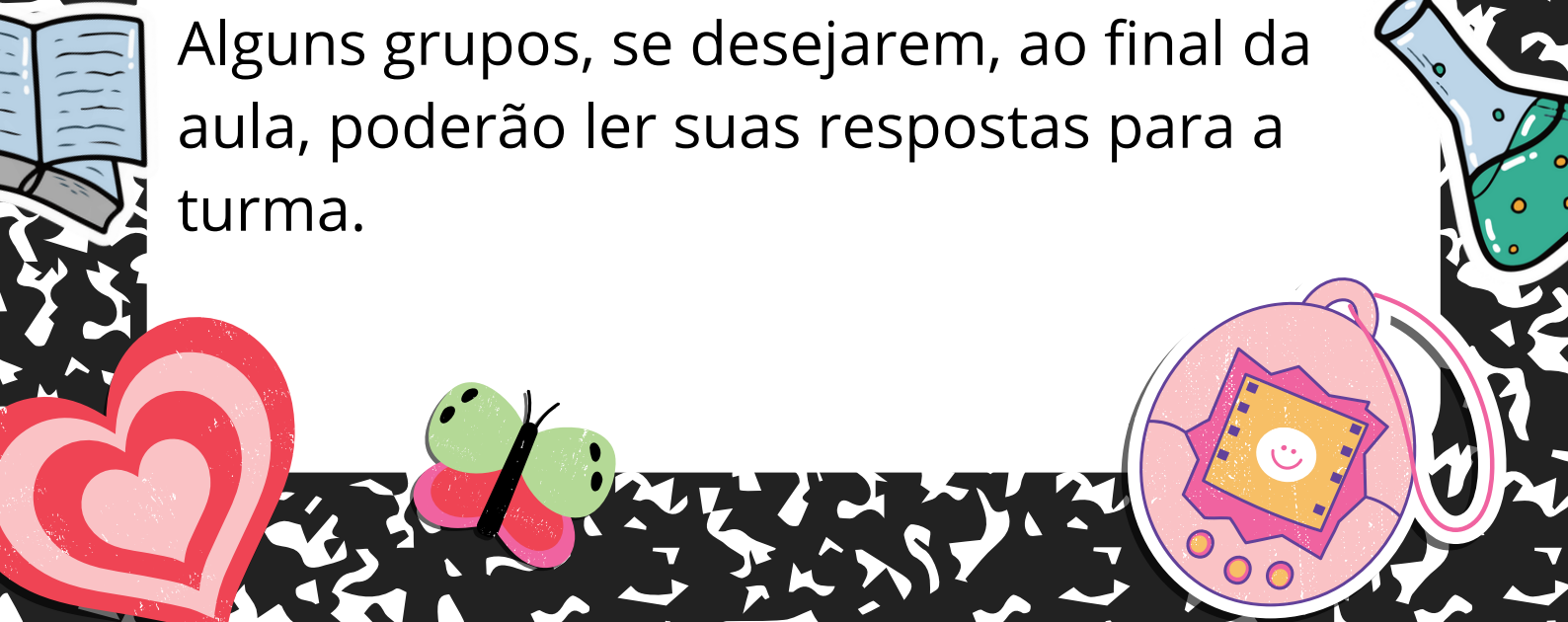
2º Momento (25 minutos):

As seguintes questões investigativas serão escritas no quadro para os grupos responderem:

6. Como seria o mundo ideal para os adolescentes?
7. Como seria a família ideal para os adolescentes?
8. Como seria a escola ideal para os adolescentes?
9. Como seria o corpo ideal para os adolescentes?

Aula 3

3º Momento (10 minutos):



Alguns grupos, se desejarem, ao final da aula, poderão ler suas respostas para a turma.



Aula 3

4º Momento (5 minutos):

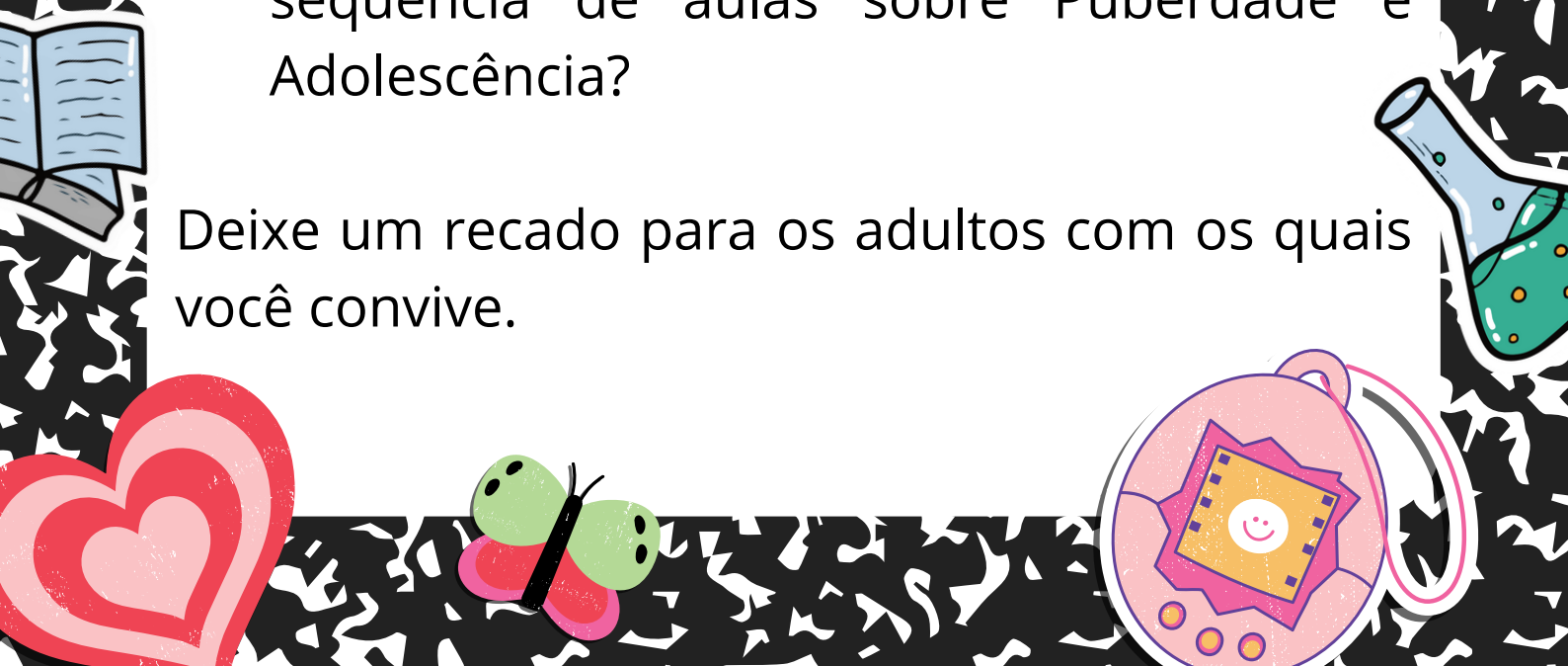
Finalização da SDI com o recolhimento das folhas com todas as respostas registradas. Após isso, será colocada a música do Titãs “Eu não vou me adaptar” para os alunos ouvirem.

Aula 4

1º Momento (30 minutos):

Será entregue aos alunos o questionário final para analisar qual foi a percepção dos estudantes sobre a sequência didática aplicada com as seguintes questões:

1. Quais momentos você mais gostou da sequência de aulas sobre Puberdade e Adolescência?
2. Quais momentos você não gostou da sequência de aulas sobre Puberdade e Adolescência?



Deixe um recado para os adultos com os quais você convive.



Aula 4

2º Momento (15 minutos):

Compartilhamento das respostas de forma voluntária e espontânea e recolhimento do questionário final.



SUGESTÃO

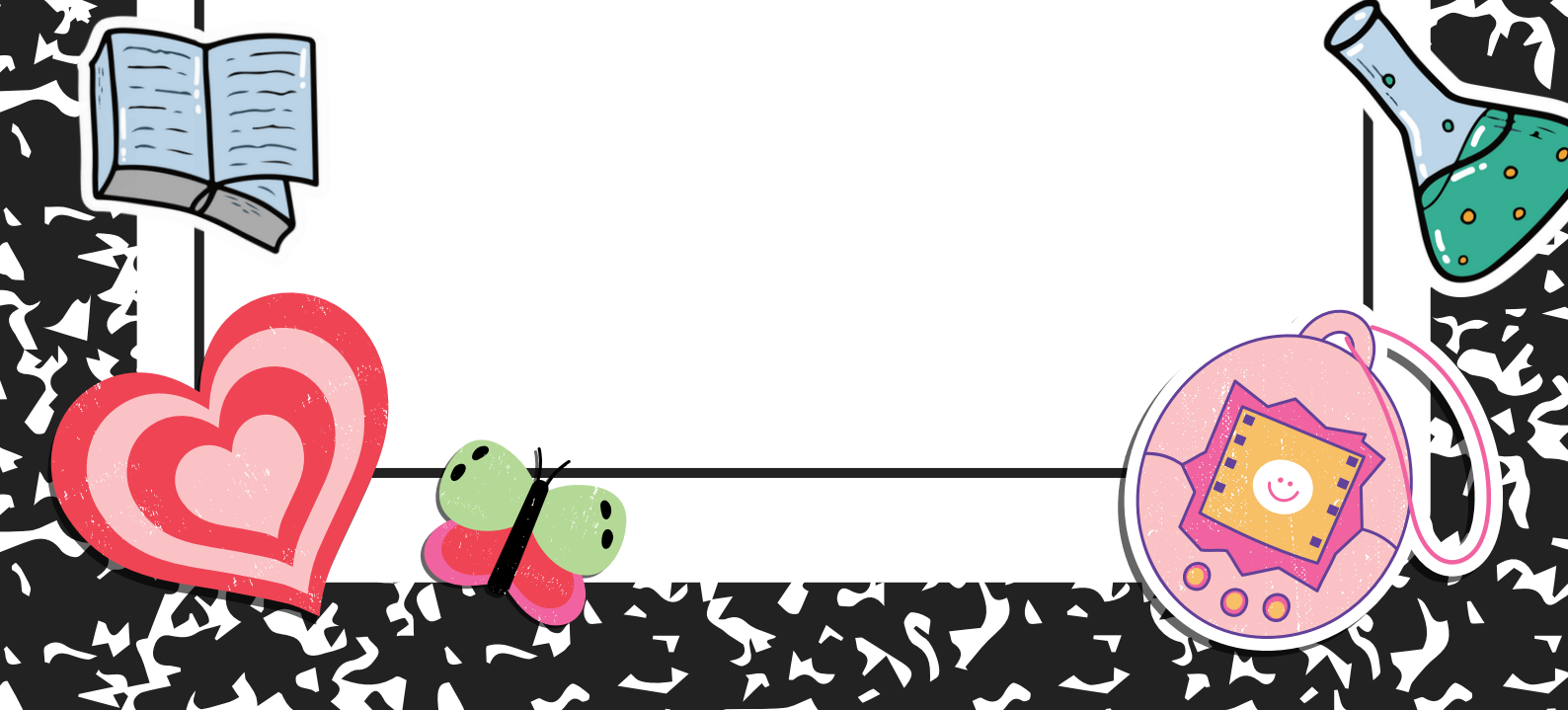
Diante de tudo que foi exposto pelos alunos, sugere-se uma reflexão para o professor em relação à sua postura diante dos adolescentes e a possibilidade de mudanças em aula e até mesmo no colégio, para que o ambiente escolar se torne um ambiente mais compreensivo e de mais respeito e acolhimento para as crianças e adolescentes.

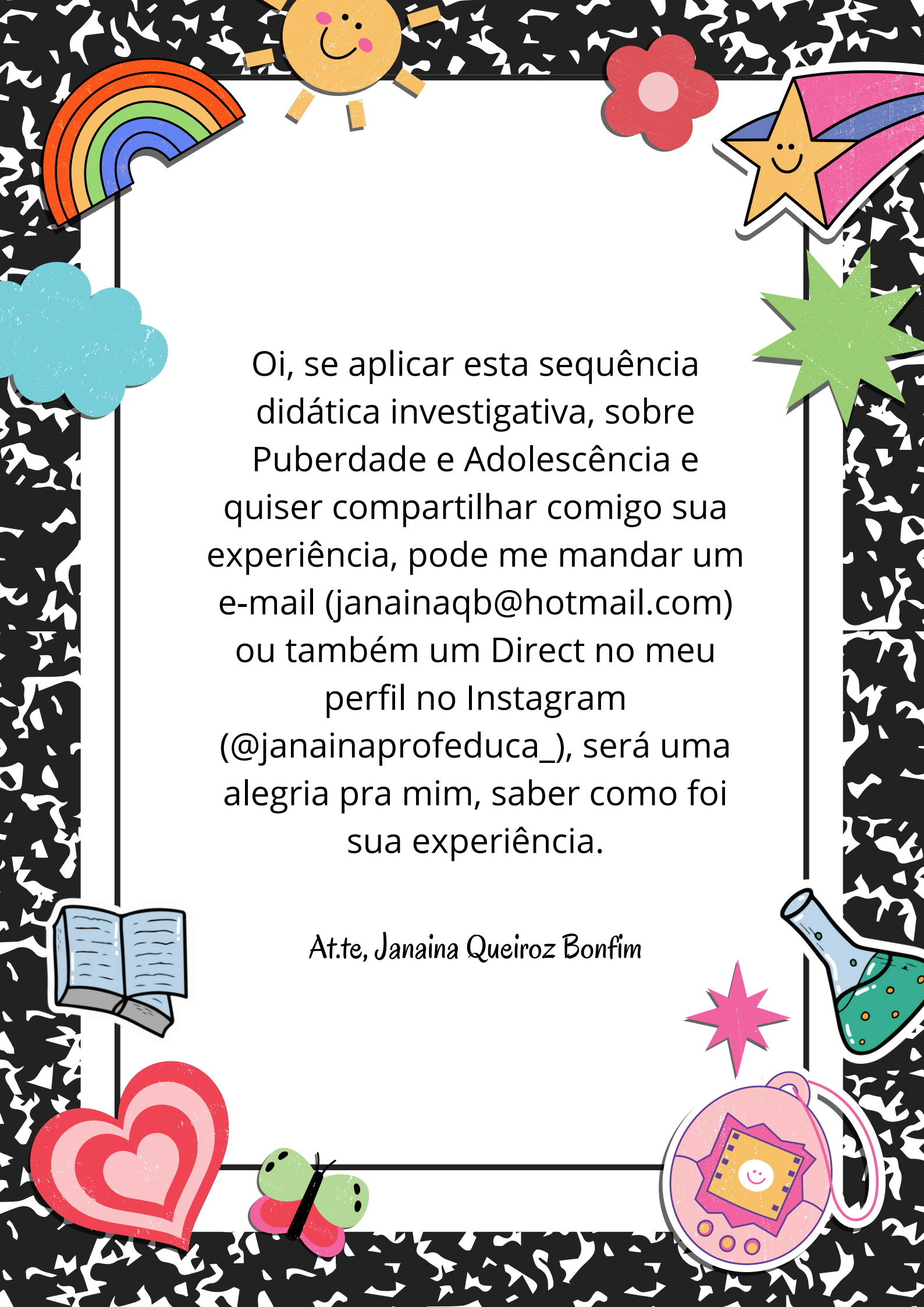


REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

GOIÁS. Secretaria Estadual de Educação de Goiás. **Documento Curricular para Goiás. Etapa Ensino Médio**. (DCGO - EM). Goiânia, Goiás, 2021.





Oi, se aplicar esta sequência didática investigativa, sobre Puberdade e Adolescência e quiser compartilhar comigo sua experiência, pode me mandar um e-mail (janinaqb@hotmail.com) ou também um Direct no meu perfil no Instagram (@janainaprofeduca_), será uma alegria pra mim, saber como foi sua experiência.

At.te, Janaina Queiroz Bonfim